



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**EDUARDO GOTTEMS PERGHER**

**“Alemão”**

**(Depoimento)**

**2011**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-335

**Entrevistado:** Eduardo Gottens Pergher

**Nascimento:** 14/10/1983

**Local da entrevista:** Casa do entrevistado, Rua Demétrio Ribeiro, Porto Alegre.

**Entrevistador:** Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior

**Data da entrevista:** 20/10/2011

**Transcrição:** Christiane Garcia Macedo

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Mídia:** Gravador digital

**Total de gravação:** 2 horas 22 minutos e 15 segundos

**Páginas Digitadas:** 42

**Observações:** Entrevista realizada para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso de Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior intitulado “*RU na ESEF Já*”: *o movimento estudantil lutando por assistência na Escola de Educação Física da UFRGS* apresentado em dezembro de 2011.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Relação do entrevistado com o movimento estudantil; relação do Diretório Acadêmico da Educação Física com o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Situação antes da campanha do Restaurante Universitário da Escola de Educação Física; Ato do Treze de Setembro; Ocupação da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Abertura da licitação; Inauguração do Restaurante Universitário da Escola de Educação Física; a campanha depois da inauguração; impactos e saldo da campanha; participação de professores e servidores.

Porto Alegre, 3 de outubro de 2011. Entrevista com Eduardo Gottens Pergher, a cargo do pesquisador Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.J. – Nome Completo?

E.P. – Eduardo Gottens Pergher, conhecido como Alemão.

C.J. – Em 2006 qual era sua relação com o Movimento Estudantil?

E.P. – Em 2006 eu era membro e Coordenador Geral do Diretório Acadêmico da Educação Física (DAEFI). Antes, no primeiro semestre de 2006, estava ocupando o cargo de Coordenador Regional da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física e na metade deste ano antes do planejamento da campanha, eu, ao lado do Shin<sup>1</sup>, tinha assumido a Coordenação Nacional da Executiva<sup>2</sup>. Então a minha relação com o Movimento Estudantil, a gente pode dizer que ela era orgânica. Nós estávamos em uma militância orgânica que era para além da reestruturação do Diretório Acadêmico como foi no primeiro ano em 2005. A gente já operava política, nós tínhamos acabado de tocar um EREEF<sup>3</sup> em 2006, então, estava com um acúmulo de força muito forte naquele momento. Era uma relação, que eu considero, politicamente orgânica.

C.J. – E como era a relação do DAEFI<sup>4</sup> com o DCE<sup>5</sup> na época, 2005 e 2006, e com os outros DAs da UFRGS?

E.P. – Em 2004 nós ganhamos o DA, nós ganhamos o Diretório Acadêmico de outra chapa, então nós tocamos a gestão 2004 e 2005. 2005 o ano inteiro. O DCE, neste momento, tinha acabado de ser conquistado por uma chapa que era do PSOL<sup>6</sup> mas nós não tínhamos uma relação orgânica com eles, não era uma relação muito pontualizada dá para

---

<sup>1</sup> Shin Pinto Nishimura.

<sup>2</sup> Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física.

<sup>3</sup> Encontro Regional de Estudantes de Educação Física.

<sup>4</sup> Diretório Acadêmico da Escola de Educação Física.

<sup>5</sup> Diretório Central de Estudantes.

<sup>6</sup> Partido Socialismo e Liberdade.

se dizer. A gente foi, por exemplo, uma vez entregar ingresso de uma festa lá e deixamos com eles.

Outra relação que a gente teve, no ano de 2005, vamos tomar 2005 enquanto ano corrente, é que nós tínhamos um “lagarteando”, que era um espaço como é o grupo de estudos hoje, porém só no turno do meio-dia, naquele horário do meio dia, em um dos lagarteando a gente foi discutir extensão acadêmica e a Fernanda<sup>7</sup>, que era Coordenadora do DCE, ela veio para nossa atividade. Então era um momento... era pontualizado, ingresso da festa e ela veio pra cá, e no primeiro semestre de 2005 nós fizemos o Interbarras, a reedição do Interbarras<sup>8</sup> que eu, desde que eu entrei na Faculdade, não tinha pegado nem em 2003, nem em 2005. Este Interbarras o pessoal da UFRGS ficou sabendo que teve uma articulação para o DCE organizar uma Olimpíada. E nessa Olimpíada eles procuraram a gente para organizar, isso foi no final do primeiro semestre de 2005. E daí nós começamos a debater a questão do esporte junto com o DCE, nós já estávamos com um debate de esporte. Muito pouco, pois nós fizemos avaliação do Interbarras e teve muitos limites na concepção de esporte, deu briga, foi meio caótico, foi um baita espaço, mas tiveram estes: “Pô de novo, sabe”, “Bah, sempre acontece isso”. E no DCE a gente resolveu comprar o debate de esporte com eles e os caras toparam. O que culmina isso, e aí começa a estabelecer uma relação orgânica com o DCE. Orgânica no sentido que a gente começa a organizar os Jogos da UFRGS de 2005, é aí que se dá esta relação com o DCE. Teve outros momentos também, teve luta contra aumento de passagem, sabe, mas é neste momento que a gente começa a se reunir com o DCE, entendeu? Para tocar os jogos da UFRGS. O que acarreta isso? Acarreta que nós retomamos a coordenação de Campus Olímpico. Na eleição de 2005/2006, que se eu não me engano é a Gestão Instinto Coletivo, nós colocamos o Guilherme Gil da Silva para ser Coordenador de Campus Olímpico, para tocar a gestão 2005/2006. Esta é a nossa relação com o DCE. E aí em 2006 ela se aprofunda porque nós impulsionamos a necessidade de ter um congresso estudantil, e isso foi proposta nossa, não tenho problema nenhum de falar. Esta proposta é da Educação Física, ter um congresso de estudantes da UFRGS, que não acontecia desde 1999, 2000, 2001, uma coisa assim. Tanto que o congresso que a gente fez foi o segundo congresso da UFRGS, e ele aconteceu em junho de 2006. Para este congresso, duas coisas: nós levamos uma pesquisa sobre o Restaurante Universitário (RU), nós estávamos neste movimento,

---

<sup>7</sup> Fernanda Melchionna.

<sup>8</sup> Atividade social e esportiva promovida pelo Diretório Acadêmico.

não era a campanha ainda, mas nós levamos uma pesquisa e levamos um texto sobre esporte. E ali a gente viu vários Diretórios Acadêmicos, porém o congresso foi no final do semestre, então ele não deu continuidade no outro semestre, eles não conseguiram operar. Então esta relação um pouco era esta, a gente tinha uma participação que era uma relação orgânica, mas nós não participávamos diretamente da construção do DCE no dia-a-dia. Nós construíamos o DCE, por exemplo, lá na ESEF, enquanto Coordenação de Campus, esta coisa toda. E a partir do congresso a gente começou a conhecer outros diretórios acadêmicos. Como a gente fazia, por exemplo, a gente fazia festa. A gente lavava a UFRGS de cartaz das festas então nós levávamos para todos os diretórios acadêmicos, a gente conhecia todos os DAs. E aí ali a gente discutia políticas também, perguntávamos como estava, o que estava acontecendo, contávamos que tinha acontecido o Encontro Regional de Estudante da Educação Física ali, eles perguntavam como é que tinha sido o Interbarras, os jogos da UFRGS. Então havia já uma relação. Se eu não responder, tu retornas para mim.

C.J. – E o que tu sabia sobre o RU na ESEF antes da campanha?

E.P. – Então, eu achava engraçado Fred<sup>9</sup>, porque assim, engraçado e triste, porque quando eu entrei teve adesivos do RU. Teve um adesivo que foi da Gestão Mãos à Obra, que se não me engano era de 2003 do DCE, e a Gestão Mãos a Obra tinha alguém dentro do DA, que o cara que dirigia o DA naquele tempo, que era uma pessoa só, tinha relação com a Mãos à Obra, que é uma gestão do PT<sup>10</sup>. Então eles fizeram uma campanha que foi um adesivo “Eu quero RU na ESEF”. E teve outro adesivo amarelão, que era “Eu quero RU na ESEF”, uma coisa assim entendeu, que era assinado como “Acadêmicos do Campus Olímpico”. O que eu sabia era que a resposta da Reitoria e da Direção da ESEF era que não tinha demanda. Quando eu entrei o bar era muito ruim. Eu gostava do bar. Eu achava barato, mas ele era ruim, seguidamente a gente comprava salgado que era ... E quando a gente pegou a primeira gestão, a gente até tentou articular algumas coisas, no sentido de que bom, como é que garante uma alimentação? Porque o bar não servia bóia, servia só salgados, Xis, torrada estas coisa e tinha que sair da ESEF. Em relação ao RU teve isso, e

---

<sup>9</sup> Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior, o entrevistador.

<sup>10</sup> Partido dos Trabalhadores.

teve o SIC<sup>11</sup>, se não me engano, em 2003, ou 2004, não me lembro agora, que a galera botou cartazes contendo “RU na ESEF”. Mas nada assim sério. Porque eu falo... Engraçado, no início todas as gestões que disputavam o DCE, menos a direita. A direita eu não me lembro, porque a direita também ficou fora, ela não disputou durante um bom tempo, todas pautavam a construção do RU da ESEF. Então, tipo, era uma palavra de ordem: “RU na ESEF”, que eu considerava quase esvaziada de conteúdo. Veja só, todo mundo pautava entendeu, todos conseguiam pautar ela, mas ninguém fazia nada. Inclusive a gestão que entrou, acho que não pautou “A construção do RU no Campus Olímpico”... Lembro do panfleto da galera do PC do B<sup>12</sup>, da JS<sup>13</sup> “pela construção do RU”. Eu achava engraçado isso porque ninguém fazia nada efetivamente. Esta gestão que tocou o DCE, nós não participamos disso, mas é interessante. Eles fizeram um seminário de Assistência Estudantil. Eles fizeram um seminário que foi em 2005 se eu não me engano.

C.J. – Qual Gestão?

E.p. – A primeira do DCE que a gente não participou. Que eu acho até que tu chegou a acessar este material, que foi aquela assembleia sobre Assistência Estudantil. Eu não me lembro se aparece Restaurante no Campus Olímpico, mas aparece almoço na ESEF uma coisa assim. Então um pouco disso, todo mundo pauta porque ganha gente, mas a partir do momento que todos pautam ela perde o sentido. Nós sabíamos que não dá pra fazer de qualquer jeito. Essa era uma coisa que nós tínhamos muito em mente, não dá para... Nós podíamos ter tocado a Campanha do RU quando a gente ganhou o DA. Só que sabíamos qual era o acúmulo que se tinha para tocar uma campanha, que daqui a pouco vai se alongar por 3, 4, 5, 6 anos. Que já tem 70 anos a ESEF<sup>14</sup> e não tinha RU. Então o que eu sabia era isso, que já tinha acontecido mobilizações mas nada do porte do que foi a Campanha do RU. Nada mesmo, entendeu Fred! Pelo menos no período que eu estive lá não aconteceu nada daquele nível. Um ato que bota 150 estudantes de um curso só dentro da Reitoria, não me lembro dentro da UFRGS.

C.J. – E como os estudantes da ESEF se alimentavam antes do RU?

---

<sup>11</sup> Salão de Iniciação Científica.

<sup>12</sup> Partido Comunista do Brasil.

<sup>13</sup> Juventude Socialista.

<sup>14</sup> A ESEF foi criada maio de 1940.

E.P. – Era na padaria, tinha um restaurante ali na frente que a gente chamava de “mosca frita”, era do jeito que a gente chamava, para tu ver como era. E a padaria, a gente comia empada, era umas empadas gordurosas, eu me lembro de gente reclamando que estava engordando por causa daquelas empadas. Então era isso, era empada, era dentro do bar da ESEF. O bar fechou um tempo e isso é interessante. No início de 2006 ele fecha. Nós tocamos o EREEF não tinha bar ali. E aí foi o caos porque a galera tinha que sair da ESEF. Pára e pensa assim: a gente tinha uma cadeira que começava às onze e meia, ela terminava uma e dez, e uma e meia começava disciplina de novo. A gente tinha vinte minutos para ir comer. Não sei como é que é hoje. Mas você tinha vinte minutos para comer. E não dava tempo para ir até a padaria e voltar, porque eles tinham fechado o portão que podia ir por dentro da ESEF. Tinha que dar toda a volta na quadra. Era muito ruim. Além de gastar uma grana, porque quando eu entrei na faculdade a empada era um real vinte e cinco centavos, quando eu saí, antes do RU ela estava dois e pouco. Então, se gastava uma grana e perdia tempo caminhando. E tu não te alimentava bem. Imagina, nós íamos passar o dia inteiro correndo, fazendo atividade ou estudando. Eu lembro que fazia cadeira de basquete, handebol e futebol, minha alimentação é uma empada de frango. Era bem delicado, era bem ruim. Sem contar que nós tínhamos colegas que não se alimentavam. A gente tinha colegas que iam para a faculdade e... Não é todo mundo que consegue ir na padaria e gastar três reais num refeição naquele tempo, quatro reais. Não se alimentavam, a gente tinha vários colegas que faziam isso. Isso acontecia e acontece em universidade pública. Nós mesmos, dentro do Diretório Acadêmico, porque o intervalo era o horário que a gente fazia carteirinha, por exemplo, era um horário que a gente não podia sair dali, então a gente não comia, ia comer depois no intervalo das três horas. Era horrível, era muito ruim. Quando o bar fechou daí ficou pior ainda. Este é outro lance, já que a gente está falando em como é que se alimentavam, quando o bar fecha, e aí entra a Maranghello, que era uma confeitaria. Que aquilo não foi pensado para estudantes da graduação. Imagina, tu entrava no troço tinha comanda. Uma refeição custava seis e cinquenta, sete reais em 2006. Então não dá, era algo que não foi pensado para nós, era pensado para a galera da especialização, para a galera do mestrado, doutorado sei lá, para a pós. Não era pensado para a graduação. Poucos graduandos comiam ali. E isso indignou muito a galera também. Teve toda uma reforma no bar. Não era pensado para nós. Então a alimentação era precária, cara e limitada. Comprometia sem dúvida alguma os estudos nossos enquanto graduandos. Nós



éramos apartados da assistência estudantil neste quesito da alimentação. Não é que nem o estudante do centro, que quando ele vai no RU do Centro, pega uma fila enorme, fica no sol e na chuva, mas paga um e trinta para ter uma refeição boa e balanceada. Vai no Vale<sup>15</sup> tem também, no Campus da Saúde tem também. Nós não. Nós tínhamos colegas que iam no RU da Saúde, nós tínhamos colegas que conseguiam. Por exemplo, tinha aula das nove e meia até as onze e dez, saíam e tinham aula uma e meia só, então eles conseguiam fazer isso. Na correria, alguns iam de carro, mas também era chegar lá e pegar fila. Então era bem ruim assim.

C.J. – Qual que era o valor da bolsa na época?

E.P. – Eu acho que era duzentos e cinquenta reais, duzentos e trinta ou duzentos e setenta, uma coisa assim. Acho que duzentos e setenta não. Hoje está quanto?

C.J. – Hoje está trezentos e oitenta reais.

E.P. – Era isso. Porque eu ganhava uma bolsa que ela era diferenciada. Eu ganhava trezentos e cinquenta reais. Eu ganhava mais do que a gurizada. Mas eu me lembro de ganhar duzentos e trinta reais de bolsa, duzentos e cinquenta reais.

C.J. – E com este valor o estudante conseguia se alimentar o mês inteiro na ESEF?

E.P. – Não, não, não. Pagar passagem, não tem como, não se alimentava. Tu tinhas que tirar de outro lugar. Eu particularmente tirava de outro lugar. Minha família conseguia me ajudar. Agora e quem não consegue? É bem delicado.

C.J. – Antes da Campanha em que situação se encontrava o Movimento Estudantil da ESEF e da UFRGS?

E.P. – Este é um debate interessante, porque esta entrada do Governo Lula<sup>16</sup>, em 2003, nós não estávamos no movimento ainda, mas a entrada do Lula, a ascensão do PT à

---

<sup>15</sup> Referência Campus do Vale.

<sup>16</sup> Luis Inácio Lula da Silva.

presidência, ele começa a operar a cartilha do Banco Mundial e do FMI<sup>17</sup>. E neste operar ele começa a fazer coisas que o FHC<sup>18</sup> não conseguiu fazer. Ontem conversávamos disso. A primeira grande tarefa que o Lula teve, enquanto Presidente, foi aprovar a Reforma da Previdência. E ele começa a implementar a Reforma Universitária de forma fragmentada. Coisa que o FHC não conseguiu, porque o próprio PT era oposição naquele momento, em 1998, 1999 e 2001 principalmente. 2001, foi uma das maiores greves da universidade. E aí que está, o Movimento Estudantil da UFRGS estava se renovando. Porque esta chapa que, toca 2004/2005, esta chapa, esta gestão ela já é uma dissidência do PT. Então eles já são uma dissidência, eles já vêm numa perspectiva de lutar contra a Reforma Universitária. Então o movimento estava se oxigenando. Na ESEF, a pergunta é antes da campanha?

C.J. – Isso.

E.P. – No DCE em âmbito geral era isso. Os caras estavam tentando, imagina, eles pegaram o DCE do nada. Eles nunca tinham tocado o DCE ou uma coisa assim. Eles pegaram e começaram a fazer e chegaram no final na outra eleição e conseguiram entrar de novo. Final de 2005. Eles conseguiram ganhar de novo a eleição. Principalmente porque o PT se burocratizou também. A base que tinha no PT dentro da universidade.... Tu vê o número de votos pelo que eles fazem é ridículo, é vergonhoso. Então, o movimento estava se rearticulando na pauta da Reforma Universitária, isso era a leitura que eu faço. [TRECHO INAUDÍVEL] Em 2003, se eu não me engano, ou 2004, eu tenho dificuldade das datas mesmo neste ponto, a Reitoria anuncia um aumento do RU, de um real e trinta para dois reais e cinquenta. E a gestão que estava à frente do DCE, que era a Gestão do PT, se eu não me engano, que era a Mãos à Obra, ela lança um jornal dizendo “primeiro aumento em oito anos”, então isso foi gasolina para fogueira. Lembro que a gente parou a João Pessoa<sup>19</sup>. Eu estava atravessando a rua para ir para o RU, porque eu tinha cadeira na FACED<sup>20</sup>, e a galera estava parando a João Pessoa. Fizemos um ato público ali, meio espontâneo e acho que esta galera se criou bastante nesse ir junto na pauta da Reforma Universitária. Então no movimento geral era um pouco isso, dos outros DAs eu não vou conseguir falar. E na ESEF não estávamos no processo de rearticulação. Porque em 2003,

---

<sup>17</sup> Fundo Monetário Internacional.

<sup>18</sup> Fernando Henrique Cardoso, Presidente do Brasil entre 1995 e 2002.

<sup>19</sup> Rua central de Porto Alegre.

<sup>20</sup> Faculdade de Educação da UFRGS.

tem uma gestão que ela é muito pautada em uma pessoa, em uma figura. Em 2004 entra uma galera que não estava muito pela.... Estava muito mais pela folia mesmo. Era a concepção deles de movimento e a gente respeita. Estavam pelo agito, estavam por fazer churrasco, fazer luau. Eles nos entregam o DA quando a gente ganha e o DA estava destruído. Para nós conseguirmos entrar no DA, nossa primeira reunião não foi no DA, o DA tinha um baita espaço, a gente não conseguiu fazer a primeira reunião de gestão no DA. O DA estava caótico entendeu? A gente retoma o Movimento Estudantil dentro da ESEF. Nossa primeira pauta era retornar a credibilidade ao Diretório Acadêmico. Fazer discussões políticas, sobre regulamentação, sobre formação, sobre universidade. Isso era o que nos movimentava. Não éramos politizados, não tínhamos este acúmulo que se tem hoje. Bem pelo contrário, a gente era muito mais envolto por outros elementos. Então o movimento era um pouco esse antes da campanha. Agora a gente consegue dar um salto muito grande. A gente participa de um EREEF em 2005, a gente vai para um encontro nacional em 2005, assume cargo na própria Executiva e já traz o Encontro Regional em 2006. E isso nos dá uma oxigenada muito forte, a gente retoma o movimento dentro da ESEF. A gente vai para a representação discente, articula com o DCE os jogos da UFRGS, está dentro da Executiva, começa a ir para os espaços nacionais. A partir da segunda metade de 2005, a gente participa de todos os espaços nacionais até hoje, do Movimento Estudantil da Educação Física. É algo pesado. Então a gente retoma, e vai para o ENEEF<sup>21</sup> de Goiânia, depois do encontro regional aqui de 2006, da UFRGS, em Porto Alegre, querendo trazer o ENEEF de 2007 para cá. Porque ali nós vimos que tínhamos acúmulo para isso, para trazer o encontro nacional para cá, porque nunca teve ENEEF em Porto Alegre até 2008. E lá nesse encontro, isso é importante falar, a gente vem querendo trazer o encontro nacional para cá, nós tínhamos a possibilidade real de trazer o encontro nacional para cá, e lá nós decidimos não trazer porque a gente percebeu que a gente tinha um limite político. Nós teríamos uma boa sede estrutural, a gente não seria uma sede política do Encontro Nacional de Educação Física. A gente faz uma reflexão muito pesada, muito dura, porque é isso, o coletivo inteiro querendo trazer o troço, chega lá a gente recua. Um recuo estratégico, tático no mínimo. Neste recuo a gente decide, nós vamos voltar para a ESEF e nós vamos ter que dar um gás para mobilizar gente para fazer o troço andar, para nos formar politicamente para quando a gente trazer o ENEEF para cá o de 2008, porque o de 2007 como não veio para cá foi para João Pessoa, quando trazer o de 2008 a gente ser

---

<sup>21</sup> Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física.

sede política também. E nós voltamos, deu duas semanas nós fizemos o planejamento do Diretório Acadêmico e tirou a campanha do RU. Porque a gente tinha um acúmulo de forças, tirado principalmente pela organização interna do Diretório Acadêmico. A gente consegue botar uma segunda gestão no Diretório Acadêmico pelo que a gente fez no encontro regional, que na real ele é um fato, mas ele é a expressão de toda uma política que estava em volta. O EREEF, por exemplo, quem discute o eixo temático do encontro, quem decide o eixo somos nós. Nós pautamos o eixo, não foi a galera do Paraná que estava com o Diretório organizado a oito anos. Fomos nós. Que a gente discutiu “O eixo vai ser esporte e trabalho”. Este é o eixo do EREEF. A gente foi para o debate. Conseguimos nos instrumentalizar na discussão política, então a gente foi se formando. Outro elemento muito importante, Fred, teve o CONBRACE<sup>22</sup> em 2005. E quem opera o COBRA-SE<sup>23</sup> junto com a nacional somos nós, enquanto sede. O CONBRACE foi em Porto Alegre. Isso foi um elemento importante que nos fortalece politicamente. É em 2005 também que a gente começa a fazer os grupos de estudo, se não me engano é 21 de setembro. A gente começa a fazer os grupos de estudo do Diretório Acadêmico. O “lagarteando” ele não dá certo no primeiro semestre, mas a gente faz um balanço e retoma no segundo, mas como grupo de estudo. E ele acontece até hoje. Ontem, inclusive, parece que teve grupo de estudo. Toda quarta-feira, das seis e meia as nove da noite, a galera reuni tem uma temática, vem alguém falar dela, ou alguém do diretório e vai trabalhar. Então isso foi nos fortalecendo enquanto grupo. A gente começa a ter expressão no próprio Movimento Estudantil da Educação Física, na própria UFRGS, e aí chegamos no ENEEF de Goiânia e quase trouxemos o ENEEF para cá, colocamos dois coordenadores nacionais no troço. Então, é isso, a gente chegou tocando o horror, mas a gente dá um passo trás, vamos acalmar, vamos voltar, porque se não vai ser e quando a gente faz este retorno a gente decide pela campanha.

C.J. – Tu falou sobre ser sede política do ENEEF. Qual a diferença entre ser sede política e ser só sede estrutural?

---

<sup>22</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, promovido pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>23</sup> Campanha empreendida pela Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física em protesto aos valores cobrados pela inscrição do evento.

E.P. – Porque a sede política não é só tu dirigir politicamente o encontro, tu dirige politicamente o encontro sendo sede política. Agora nós olhávamos para as sedes, e sempre olhava assim, a grande tendência da galera quebrar, quebrar eu digo assim, fechar as portas da entidade, do grupo que está ali depois do encontro nacional. Salvador não fez isso. Goiânia, deu um tempo e quebrou. Estava ali, acontece ainda, mas não é como era antes entendeu? Dá para usar vários exemplos, então, isso era algo que nos assustava. Eu dizia assim: nos temos que ter um acúmulo político para tocar o troço e temos que levar o ENEEF para lá, mas nós temos que no mínimo não ser levado pela política, entendeu, mas levar ela também. Não digo que as coisas que tem que ser deliberada, são coisa que a gente diga. Não digo assim, determinada pauta tem que ser o que o DAEFI quer. Mas nós temos que ter uma posição para aquilo, não é ter que aderir a uma posição de alguém, que era o que acontecia anteriormente com a gente. A gente não tinha uma capacidade ainda pra chegar e dizer “tal coisa”. Então tinha os grupos que disputavam, e a gente tinha que optar politicamente por algum grupo. A partir dali as coisas mudam, em 2006 as coisas mudam. Nós chegamos no ENEEF de João Pessoa já pautando política, já dirigindo as coisas. Uma importante deliberação que sai em João Pessoa, só para se ter uma noção do que significa dirigir politicamente, é a discussão da UNE em todas as instancias do MEEF, quem pauta isso é Porto Alegre, junto com Santa Maria, junto com a UFSC<sup>24</sup>, junto com o Paraná, junto com todas as outras, mas quem leva isso é Porto Alegre. Quem pauta isso, quem articula isso é Porto Alegre. Não é alguém articulando... Nós queríamos ter esta bagagem, este acúmulo a ponto de a gente estar dirigindo politicamente realmente o ENEEF. E a estrutural é isso, garantir a estrutura e a gente ia garantir tranquilo. Nós tínhamos banheiro para todo mundo, bóia para todo mundo, alojamento para todo mundo. Garantimos em 2008. Agora politicamente, como foi em 2008, se fosse 2007 não seria. Porque 2008 o Encontro Nacional que teve aqui em Porto Alegre foi muito avançado, fez um ato com o MST<sup>25</sup>, contra a criminalização dos movimentos sociais. Um ato que assume uma pauta, que não era eixo do encontro. Uma ato que foi articulado dois, três meses antes. A gente faz a ruptura com a UNE<sup>26</sup>, pautada principalmente pelos grupos daqui. Teve a campanha da regulamentação que foi aqui que foi organizada também. Teve o debate do REUNI<sup>27</sup>. Sei lá, eu estou esquecendo com certeza de pontos. Mas se fosse em 2007 não aconteceria

---

<sup>24</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>25</sup> Movimento dos Trabalhadores sem Terra.

<sup>26</sup> União Nacional de Estudantes.

<sup>27</sup> Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, programa do Governo Federal.

isso, não aconteceria. Não estou sendo determinista, mas é que nós não teríamos esta capacidade efetiva. Porque uma coisa é você estar se formando ali, agora uma coisa é você estar se formando tendo que garantir a estrutura também. E esta garantia de estrutura se não tem uma politização, um nível de consciência um pouco maior, um processo de consciência um pouco mais desenvolvido, tu se deixa levar por ela, no garantir a estrutura. E isso é perigoso demais. Tu acaba virando um ativista, um tarefista, uma coisa assim. O tarefismo te envolve, isso que eu quero dizer. Para o ENEEF de Porto Alegre, para se ter uma noção, nós fazíamos grupos de estudo, uma semana antes do encontro, dois grupos de estudo para a galera pautar a política que ia ter no encontro. Para tu fazer análise de conjuntura do que ia ser o encontro, para a comissão organizadora, este tipo de coisa. Nós não conseguíamos fazer isso em 2007. Eu acho. Não sei se te respondi.

C.J. – De onde surgiu a necessidade de criação da campanha?

E.P. – Ela sempre teve. O fato de não ter o RU, ele indica a necessidade de ter uma campanha séria. Mas é isso. A gente sempre olhava “para as nossas pernas”, este é um termo que a gente usava muito. A gente olhava assim, que acúmulo que se tem hoje para tocar uma campanha? Que acúmulo que se tem? Porque eu acho que a Campanha do RU foi a primeira campanha que a gente tocou. Não me lembro agora, mas acho que foi, enquanto Diretório. Não tenho certeza Fred, mas de fazer adesivo, esta coisa toda, pode ser que eu esteja falando uma baita de uma besteira mas eu acho que foi a primeira campanha que a gente tocou. E na real a gente pensava assim, não dá para a gente pegar essa pauta de qualquer jeito, porque ela já é uma pauta, bota entre aspas isso “banalizada”, no sentido de que qualquer um assume. Nós não poderíamos fazer isso. A gente teria que se diferenciar, se a gente realmente perspectivasse a vitória. Se a gente quisesse só mexer com a pauta para mobilizar, para ter gente com a gente, para ganhar mais uma eleição do DA, para mobilizar pro DCE, a gente ia tocar de qualquer jeito a qualquer hora. Agora a gente queria a vitória. A gente queria ter o RU na ESEF. A gente queria que a galera, nem que não acontecesse o RU, mas que a galera visse a possibilidade pelo menos que os estudantes lutassem por aquilo. Então, a necessidade da campanha sempre existiu. Agora a questão é, quais as questões subjetivas para ter a campanha. O que eu estou dizendo é assim, condições objetivas sempre tiveram. Qual a condição objetiva? Não tem RU, e não tem onde a galera comer de forma barata. E a galera gasta pra isso e come de forma precária.

Aqui tu me pergunta, onde é que o pessoal se alimentava, isso é condição objetiva. Cara não podia comer. A condição subjetiva é qual é o grau de organização e de consciência da própria galera para se ter isso. Aí é outra coisa. Eu acho que nós não tivemos isso sempre. A gente foi ter isso depois que a gente voltou de Goiânia, porque o debate que a gente fez lá de não trazer o encontro para cá foi muito sério. Foi muito pesado, foi muito denso. Tanto que a gente chega aqui e no próprio planejamento de férias que a gente faz do Diretório Acadêmico, a gente já tira a campanha. É um pouco isso. Eu trabalho nessa perspectiva, as condições subjetivas elas nem sempre estavam dadas. Agora em 2006, a avaliação que a gente fez é que era ali que era o momento. E bem difícil de tocar, bem delicado, a gente nunca tinha tocado um troço tão grande. Aí a gente se valeu também do Congresso de Estudantes, a gente se vale dele. Porque no Congresso de Estudantes a gente já leva uma pesquisa do RU. Porque a gente olhou assim, nós vamos levar o debate de esporte, que é algo que a gente está construindo aqui na UFRGS, que a gente fez os jogos, que vai ser nossa tese, e nós vamos levar o debate do RU, que é algo latente para a gente aqui. Da mesma forma que o Instituto de Artes levou a questão do prédio, que FABICO<sup>28</sup> levou a questão dos professores. Não me lembro quais outros cursos levaram outras pautas. Mas então é isso a gente levou, discutimos lá, a galera: “Ah, legal”. Nós tiramos no congresso que ia ter um ato. Era isso, nós chegamos e deliberamos no planejamento que ia mesmo ter campanha. Nós podíamos fazer um ato, podíamos fazer qualquer coisa, fazer pesquisa, que nem a gente fez. Agora uma campanha séria, dizendo “é isso aqui que a gente vai tocar, entendeu”. Não é em qualquer momento que a gente poderia fazer isso.

C.J. – E dá para dizer que este acúmulo que o DA obteve para tocar a campanha veio principalmente dos fóruns do MEEF?

E.P. – Também. Eu acho assim, eu acho que é uma relação, não dá para, nos ajudou demais isso. Nos ajuda demais. Porque era um espaço que a gente conseguia ampliar. Ampliar nossa visão da própria política estudantil. Porque o problema era que isso não ficasse só dentro da ESEF, porque daí nós íamos tocar a pauta da campanha de qualquer jeito, e não íamos conseguir com a força, não íamos conseguir nem fazer relação, nós não ganharíamos o RU. Não conquistaríamos o RU, acho que tem que usar o termo conquistar, não ganhar, se não tivesse a relação com os outros cursos. Não teria como, porque nós não

---

<sup>28</sup> Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

conseguiríamos indo lá só a ESEF. A ESEF é determinante, o Diretório Acadêmico é determinante. Agora havia uma necessidade de ter outros, por isso os fóruns do MEEF são importantes. Agora, o que nos garante mesmo, era a concepção de que o movimento estudantil nos balizava naquele momento, que era uma concepção que tinha como o trabalho de base como fundamento essencial, a gente tinha que estar discutindo com a galera sempre. A gente tinha que estar sempre com a gurizada. Nós ficávamos na frente do Diretório Acadêmico conversando, ficávamos trabalhando com a galera. O grupo de estudos era um canal que nos possibilitava muito diálogo com o pessoal, o EREEF foi um canal que nos possibilitou muito dialogo. E outros diálogos que surgiram lá no cotidiano da ESEF que estava sempre se inserindo. Então eram coisas que iam... Na real eu prefiro trabalhar com uma síntese disso tudo. São várias determinações: os fóruns do MEEF, importantíssimo, uma determinação importantíssima, o DCE também, o congresso também, o Diretório Acadêmico organizado, quem sabe a determinação em última instância. Então são várias determinações, que dessa síntese de múltiplas determinações que é a gente ter o acúmulo, estas condições subjetivas a ponto de tocar uma campanha. Eu acho que foi fundamental a gente estar inserido nacionalmente. Não sei se nós conseguiríamos sem ter isso. Da mesma forma que eu não sei se nós conseguiríamos sem o congresso, por exemplo, dos estudantes, sem a articulação com a FABICO, com o DCE. Mas eu acho que é importantíssima essa relação nacional.

C.J. – Qual que foi o primeiro passo da campanha?

E.P. – Articular. Primeiro passo foi a articulação. A gente tirou que a inauguração seria o Ato Almoço, mas nós tínhamos que ter uma articulação. Eu não me lembro se no primeiro Ato Almoço já teve camiseta, eu acho que teve. Mas o primeiro passo foi a articulação. Ir no DCE e ver o que eles achavam da campanha. Tentar retomar a articulação que tinha acontecido para o congresso de estudantes. Ver que possibilidade teria com a FABICO. Então o primeiro passo que a gente teve foi fazer uma articulação séria com os grupos. Agora se tu pegar o primeiro passo que vai ter na linha histórica vai estar qual lá? Vai estar o Ato Almoço. O primeiro Ato Almoço que não aconteceu. Imagina, o primeiro Ato Almoço que a gente tira, não acontece porque a gente estava desorganizado. Não me lembro, acho que o fogareiro não chegou também, a panela não veio, uma coisa assim. Primeiro Ato Almoço, nós tínhamos panfleteado para a galera não aconteceu. A gente



fazia Ato Almoço quarta e quinta-feira. Pegava a galera que fazia cadeiras segunda e quarta, e terça e quinta. Tipo quarta e quinta ou terça e quarta. E aí teve um destes que não aconteceu, a gente ficou apavorado. Começamos mal. Mas o primeiro passo foi a articulação. O primeiro passo na verdade foi fazer um balanço interno do Diretório Acadêmico da possibilidade real disso. Mas o primeiro passo, para além do DA, é a articulação. Então eu acho que não dá para dizer que a articulação é o primeiro passo ele é esse balanço interno. Tu tomar ali uma avaliação ali que a gente teve em agosto, e um dia depois, dois dias depois, tem o planejamento que a gente tira a campanha. Então o primeiro passo, na verdade, é esse, o DA vê a possibilidade real de tocar o troço. Mas aí dependia de uma articulação.

C.J. – E o que levou os estudantes da ESEF a aderirem à campanha?

E.P. – Assim, Fred, são várias coisas. Eu acho que uma delas é a real necessidade do RU. Mas acho que uma coisa que garantiu a adesão foi que a campanha ela foi muito bem organizada. Não teve como negar isso. Poxa, a gente vendeu camiseta a cinco reais, entendeu? Vender camiseta a cinco reais numa campanha. Nós tínhamos adesivos, a gente tinha milhares de adesivos. A gente lavou a UFRGS inteira de cartazes. A galera da ESEF passava pela UFRGS, que fazia cadeira no Vale, na Informática, fazia cadeira na Saúde, Citologia de não sei o que, da FACED, passava e enxergava o cartaz do RU. E ele enxergava e dizia “eu sou da ESEF”. Então começou uma identificação com aquilo. O maior limite que nós tivemos mesmo, e eu acho que isso é importante falar, é que tiveram algumas gerações de estudantes dentro da faculdade que desacreditavam da campanha, que achavam que era oportunismo nosso. Não sei se a gente vai falar depois disso. Aconteceu isso também, tinha gente que dizia, foi para mim que disseram esta fala: “fulano, tu vai te formar e não vai ter RU”; “o Alemão, tu vai te formar e não vai ter RU”; “fulano, tu vai te formar daqui a cinco, seis anos e não vai ter RU, também então parem com isso, não percam tempo”. Mas o que leva a eles aderirem, que não teve uma adesão em massa, a gente tem que ter essa... Dificilmente alguém dizia contra, tem sempre aqueles filhotinhos de professor que se colocavam contra, professor falava: “ah, porque o RU é um elefante branco”; “O RU não está no plano da gestão”, aí aqueles puxa-sacos que querem uma bolsa, que querem entrar no mestrado, que não sei o quê, eles ficam reproduzindo, são uns papagaios, ficam reproduzindo o que o professor fala. Então estes caras, este tipo de gente,

contribuía para desmobilizar. Só que o troço foi muito bem organizado e por mais que o primeiro deu erro, depois a gente começa... Imagina, a gente tinha camiseta, adesivo, cartaz. A gente inventava coisa, fazia abaixo-assinado. Nós fizemos uma abaixo-assinado gigante que a galera chegava e assinava, tipo um cartazão, que nem os formandos fazem. Um troço espetacular, a galera se sentia parte daquilo. O ato almoço, mobilizava demais, servia cento e cinquenta, cento e setenta refeições. E virava um tumulto ali, conversava com a galera, a galera comendo um pratinho de carreteiro, de massa com guisado, sei lá o que era, e conversando sobre o que era ter o RU, porque que não tem, os caras diziam que não tem demanda, e nós dizendo: “cara, se tiver quinze estudantes da universidade que não acessam ao RU, isso é demanda”. O Reitor não pode dizer que não tem demanda. Se tiver um curso de cinquenta estudantes, que não tem como acessar o RU, eles tem que garantir isso aí entendeu. Então independente de quantas refeições a gente vai servir aqui, tem que ter RU. Era essa a nossa palavra, era isso que nos mobilizava. Então eu acho que a adesão ela se dá pela organização da campanha. E porque foi uma campanha que mexe com eles, porque eles sentiam imediatamente aquilo ali, eles sentiam imediatamente. E o DA estava vindo de uma ascensão também, não tem como negar. O DA sai daquela galera que toca o horror. A gente ganha uma eleição disputadíssima, a outra eleição já foi chapa única daí, no final de 2005, e ele vem nessa ascensão, constrói enquanto regional, a ESEF participa de certa forma e a gente ganha este respaldo, a gente vai para Goiânia também, a gente leva uma galera, a gente ganha este respaldo da galera da ESEF. A adesão, eu acredito que se dá por causa disso, porque é uma pauta que mexia diretamente com eles e ao mesmo tempo ela se dá de forma organizada. A galera via que não era brincado o que a gente estava fazendo. Por mais que tinha professor que enchia o saco em sala de aula, que não tinha acordo com o que a gente falava, era algo que mexia com a galera, não tinha como negar. E estava muito bem organizada, as pessoas se identificavam se sentiam sujeito. Aquilo que te falei, passava pela FACED via um cartazão “RU na ESEF já”. A gente ficou conhecido na universidade inteira, fazia cadeira nos outros cursos os caras comentavam “vocês são lá da ESEF da campanha e tal”. Imagina, isso acontecia comigo, eles achavam que eu era... não imaginavam que eu fosse do Diretório Acadêmico. Não imaginavam que eu estava por dentro da campanha até o pescoço. Isso acontecia com qualquer estudante da ESEF. Era uma identificação muito forte. A gente chegou a vender, sei lá, trezentas camisetas para mais. Muito mais eu acho. Isso aí dá uma identificação muito forte. Por mais que tinha uma galera que não gostava da gente.

C.J. – E como que esta organização se dava na prática na relação Diretório Acadêmico, estudante e campanha?

E.P. – Isso era uma coisa que a gente debateu demais. Eu não vou saber dos mínimos detalhes, mas a gente percebeu que a organização se deu via Diretório Acadêmico, a condição subjetiva que eu te falava, ela perpassa principalmente a organização do Diretório Acadêmico enquanto uma entidade. Ela perpassa, sem dúvida alguma, a estudantada da ESEF. Só que nós estamos vivendo, de um tempo para cá, tem gente que fala 1992 que é o *Impeachment*<sup>29</sup>, tem gente que fala 1995, a partir dali um descenso dos movimentos de massa. 1995 com a greve dos petroleiros, foi amplamente prendida pelo FHC. Mas independente disso, a década de 1990, em nível mundial, não é só no Brasil, ela tem um descenso e isso é agravado no Brasil com a ascensão do Governo Lula à Presidência. Então a galera não via mais possibilidade nenhuma de ganhar o troço num quadro público. Então é isso, nos vivemos um refluxo. O Diretório Acadêmico consegue dar este salto, no sentido de ter estas condições subjetivas. Cabia a ele saber como lidar com esta gurizada da ESEF, a estudantada da ESEF. Não poderia ser uma forma mecanizada de oba-oba, tinha que ser algo mais politizado porque o Ato Almoço mobilizava muito, a gente conseguia ter uma inserção muito forte porque servia cento e cinquenta refeições, cento e cinquenta pessoas pegavam o panfleto, ficavam a nossa volta conversando sobre o Restaurante Universitário que possivelmente viria, seria conquistado na ESEF. Mas a gente pensou, “galera, nos temos que avançar disso”, nos tiramos a coisa no Diretório Acadêmico e vamos lá e operamos. Não tem problema fazer isso, mas como é que a gente avança nesse envolver mais a galera, e aí a gente tirou a reunião ampliada. Considero que a reunião ampliada ela é algo muito importante no processo de organização do troço. O DA tinha uma posição, tinha uma linha. A gente ia para a reunião ampliada para discutir essa linha com a gurizada para ver se era isso mesmo, e até que ponto a própria gurizada estava disposta a assumir junto. Nós ampliamos esse leque organizativo. Nós tivemos reunião ampliada com cinquenta, com sessenta, teve dia com trinta. A reunião ampliada foi um espaço muito importante para ter esse vínculo. E aí o Diretório se abriu também. Nossas reuniões sempre foram abertas. Uma galera vinha discutir, vinha perguntar. Tinha um fluxo de informações, de formação muito intenso em relação à campanha. A galera vinha comprar a camiseta,

quando comprava a camiseta já pegava um panfleto e já conversava junto. Nós tirávamos linha de “nós vamos ter que ir para a ESEF passar em sala, nós vamos ter que ficar nos intervalos, vamos ter que estar mexendo com o lance da campanha”. Porque nós tiramos um ponto alto, veja nós começamos a campanha 16 ou 17 de agosto, se não me engano, isso tu sabe melhor que eu e 13 de setembro a gente falou: “esse vai ser o ato que a gente vai para a Reitoria reivindicar o troço, então é nesse ato que nós vamos lá”. Então a gente pensou, a gente vai ter que mobilizar esta galera para este ato. Aí a gente começa este processo. A nossa perspectiva era de mover a galera para além de ser meros espectadores que ficariam ali juntos, como eles são sujeitos do processo, e no meu entendimento quem participa do Ato de 13 de setembro, quem participa dos Atos Almoços, quem compra camisa do RU, quem pega adesivo, quem faz todo esse movimento, por mais que a galera vinha se justificar “Alemão, estou trabalhando, não vou poder ir”, “Shin, trabalho no dia, não vou poder ir no ato, mas estou com vocês”. Tinha uma galera que fazia isso. Tinha outros que não estavam nem aí. Tinha gente que o professor liberava e eles não vinham. O meu entendimento, estou falando do inicial da campanha, é muito nesse sentido, da galera se sentir sujeito daquilo e vislumbrar a possibilidade real da conquista do RU. Isso para nós era fundamental. Por isso que quando o Reitor assina aquela carta de compromisso do RU, aquilo é fundamental para nós, porque aquilo mostra que vai acontecer, cabe à gente agora.

C.J. – Quais eram as ações da Campanha “RU na ESEF já”? E qual era a reação da Reitoria frente a estas ações?

E.P. – Ações da campanha. São várias. Acho que primeiro era no que tange a materiais. Primeiro era aquilo, o balanço interno do Diretório Acadêmico que fez vislumbrar a possibilidade, depois um processo de articulação que amplia da própria ESEF. Então este processo de articulação com o DCE estava bem capenga naquele período, não tem como negar que a campanha auxilia no DCE, no sentido de que ela consegue envolver outros cursos também, que Ato do 13 de setembro ele não é um ato só pelo RU. O RU é o carro chefe agora tem outros ali. Então primeiro esta questão interna do Diretório Acadêmico, em conseguir perceber que a gente consegue tocar essa campanha, eu acho que depois vem o processo de articulação com outros setores e a partir daí é material, adesivo, camiseta, panfleto, cartaz, tudo isso, os atos almoços, eu acho que são fundamentais no processo.

---

<sup>29</sup> Impeachment do presidente Fernando Collor de Mello em 29 de dezembro de 1992.

Porque o Ato Almoço nós servimos cento e setenta refeições de meio dia. E era arroz carreteiro. O Ato Almoço ele é fundamental, da mesma forma que outros. A reunião ampliada eu considero também um espaço muito importante. Mas não tenho dúvida alguma que isso, o Ato 13 de setembro... Então se tu quer as ações da campanha eu diria que a grande virtude dela são as ações diretas que a gente tem, as ações combativas que a gente tem. Porque é isso, a gente foi falar com o Reitor<sup>30</sup>, mandou uma carta, mostrou a pesquisa, fez o [PALAVRA INAUDÍVEL] anterior: “estamos aí, estamos sem RU”, e ele: “Não tem demanda!”. “Então a gente vai provar a demanda para o senhor”. Esse foi o nosso modo, a gente vai ter que provar a demanda para ele. E aí foi esta organização que culmina no 13 de setembro, com o Ato Almoço. E no 13 de setembro, que ele assina aquilo ali, a gente percebe que a gente assinou, que foi uma vitória enorme, aquele 13 de setembro, eu considero quem sabe a maior vitória que a gente teve. A ocupação da Reitoria em 2007 foi importantíssima também, eu acho que do mesmo porte que esta. Só que o 13 de setembro acontece num período de total marasmo na Universidade, aquilo que a gente fez foi quase impossível, de botar trezentos, quatrocentos estudantes lá dentro. Eu não me recordo outro curso que mobilizou tanta gente assim num ato. Não sei mesmo assim, Fred, estou tentando pensar, estou tentando lembrar, da ESEF a gente tinha cem e cento e cinquenta. Não me lembro de outro curso na UFRGS hoje que tenha levado tanta gente num ato. Numa questão espontânea mesmo assim, mais organizada. Não consigo lembrar, tenho dificuldade de lembrar mesmo, para tu ver o que é o significado disso. Então 13 de setembro ele é uma ação que ela representa, ela sintetiza toda a combatividade que a campanha tinha, e para nós foi o caos aquilo ali, eu nunca tinha coordenado um ato, a gente tinha um acúmulo dos encontros anteriores que a gente participava do MEEF, mas era isso, sei lá, quem era mais ali, quem estava a mais tempo no Diretório, quem estava mais na coordenação da parada, eu sempre fui segurança de ato, o Shin, sei lá, ele sempre estava nas místicas, não sei o que estava, mas nunca alguém tinha pegado o microfone mesmo. Então, para mim, este ato é uma síntese nesse sentido, ele representa a combatividade e como a gente teve que... “bom, essa campanha não pode parar por aqui, porque o Reitor assinou, ele tomou uma pressão, ele assinou”. E foi na base da combatividade mesmo, porque ele não queria assinar. Ele não ia assinar. As condições que se criaram dentro do ato foi para ... O meu entendimento quando tu pergunta das ações da campanha, eu demarco com isso, a combatividade é a síntese das ações da campanha, e aí Ato Almoço,

---

<sup>30</sup> José Carlos Ferraz Hennemann, Reitor entre 2004 a 2008.

material, reunião ampliada, o Ato 13 de setembro e a partir daí, a continuidade dos atos, 29 de setembro teve outro, a campanha do DCE. Olha só que loucura: a campanha para o DCE, nada mais foi que uma radicalização da “Campanha RU na ESEF já” porque nós batemos de frente com a direita daquele momento, e ali nós falamos “o mote tem que ser o RU na ESEF”. Então, ao mesmo tempo que a gente utilizava aquilo como argumento para os caras votarem na gente, a gente mostrava para a estudantada a necessidade de lutar pela assistência estudantil, porque nós fomos chamados de oportunistas naquele momento. Só que na real era isso: aquilo foi um movimento, uma ação da própria campanha do RU, quando a gente... Naquele ano, Fred, para ter uma noção, em 2006 foi o último ano que a gente teve oposição no DA. Se organizou uma chapa para concorrer o DA com a gente. A gente tentou unificar: “galera, vamos unificar, nós estamos com uma pauta que é o RU, a perspectiva é de conquistar, nós estamos caminhando bem, qual a divergência que vocês tem com a gente?”. A divergência era de concepção de movimento, para eles o DA era para fazer as festa, o Luau, vender roupas, vender coisas. “Pessoal, é algo maior, a gente está falando do RU na ESEF”, “Nós vamos continuar a campanha se nós ganharmos” os caras falavam. É isso cara, tudo isso que a gente fez, essa mobilização no segundo semestre, a ESEF se mexeu de vez. Os caras queriam.... Tu fala da reação da Reitoria. Tu não conseguia perceber muito a reação da Reitoria, porque a gente bate de frente com ela mesmo em treze de setembro, porque anteriormente a campanha era muito na escola de Educação Física. Porque era isso, lá na ESEF, o Diretor da ESEF<sup>31</sup> tinha falado já que não adiantava tocar a campanha, não tinha porque tocar. Então o Diretor fazia o papel da Reitoria, porque o RU da ESEF ele não era plano de gestão. Então, não sendo plano de gestão, os caras não apoiavam e isso era argumento de professor para não assinar abaixo-assinado, para tu ter uma noção do que eu estou falando. E o Diretor da ESEF, chega um momento que ele comenta “Olha isso é uma luta inglória, vocês não tem que tocar esse troço”, o diretor era o Ricardo. “É uma luta inglória, acho que vocês não tem que tocar, vocês tem que fazer outras coisas, acho que vocês tem que tentar lutar por outras coisas para os estudantes, mas o RU não adianta, não vai ter, não tem demanda”. Essa era a reação e uma das reações que teve, Fred, eu acho que nessa pergunta você resume à Reitoria não sei se eu posso abrir para a Direção.

---

<sup>31</sup> Ricardo Demétrio de Souza Petersen, diretor da ESEF nos anos 1992-1996, 2000-2004 e 2004-2008.

C.J. – Pode.

E.P. – por exemplo, dois Atos Almoços na ESEF, que significassem trezentas refeições que era muito mais que a gente servia. Significava que de trezentos pelo mesmo uns cem, cento e poucos, não iam comer no bar novo da ESEF, na Maranguello. E isso começou a causar problema, ali gerou uma reação. Nós fomos inclusive cobrados que o bar ia fechar. E nós falamos, “Olha nossa luta não é contra o bar, nossa luta é que o estudante tenha direito a assistência estudantil como todos os estudantes da UFRGS tem. Nós não estamos nem aí para este bar. Inclusive a gente acha ele caríssimo”. Nós tivemos uma reação nesse sentido, quase pedindo assim: “parem de fazer Ato Almoço”, pela Direção da ESEF. Nós dissemos que não, que nós não íamos parar, que isso fazia parte da nossa campanha. Que não nos importávamos nem um pouco com o bar, que se ele fechasse as portas não estávamos nem aí, porque tem que ter um bar lá, sem duvida alguma, mas aquele bar lá, mas nossa luta não era contra ele, isso tem que ficar bem claro, então isso era uma reação. E a Reitoria, a reação que eles tiveram depois foi muito mais de travar, tipo: “beleza então, vamos fazer reunião”. Aí marcava a reunião com a SUINFRA<sup>32</sup>, aí a gente ia lá o cara tinha ido viajar, daí não tinha a reunião. Daí o cara ia lá com três propostas ridículas de RU como, por exemplo, colocar um ônibus até o Campus da Saúde... Até a gente começou a cogitar a possibilidade de fazer no galpão da ESEF o RU, enquanto algo provisório, e uma das propostas foi também de subsidiar via bar. Eles pagariam uma parte da refeição do bar e o estudante pagaria um e trinta no bar. Nós falamos que não era possível porque esta questão do bar nos amarraria à uma licitação de dois em dois anos. Podemos dizer que por dois anos nós teríamos este benefício e depois perderíamos. Nós queríamos também o benefício público como direito de todos. Então nós queríamos o benefício enquanto RU mesmo, não queria que fosse no bar. Porque a gente sabe que isso a qualquer momento podia fechar. Então a reação se dá com esse marco, não tem como negar, tudo bem que não é algo assim de bate e pronto, que vai sair, que houve uma burocratização do processo... Tem uma burocratização, a gente acelera para sair desta burocratização com a luta, porque quando eles perguntam... Eles foram lá olhar o galpão e disseram: “não tem como ser no galpão”. Aí eles olharam o Maranguello que estava saindo de lá, aí eles disseram “pode ser aqui, vamos ver, vamos ver”. Mas o cara - não me lembro o nome do cidadão - mas uma das propostas era transportar para o RU da saúde, e aí cara disse: “Se o Reitor passar uma

semana indo com a gente da ESEF até o RU da Saúde almoçar todo dia de ônibus, como o senhor está propondo, a gente até pensa em abrir a discussão sobre isso. Senão a gente não vai aceitar este troço”. Porque é uma sacanagem, vamos combinar, uma sacanagem ele propor isso. Então, na real, as possibilidades que eles estavam tentando criar estavam se esgotando, teria que sair o RU. Só que eles foram amarrando, amarrando, amarrando... Não abria licitação nunca, aí eu acho que já entra no ano de 2007 que, daí enquanto ação de campanha, a gente teve a jornada de atos que saiu. Porque em 2007 tem uma jornada muito forte de atos públicos no Brasil inteiro, que foi tirado dia 25 de março, eu não me lembro como é que era o nome da atividade, tem que procurar isso depois. Mas aí tira uma jornada de atos ela já começa no 8 de março que era o Dia Mundial da Mulher, o Bush veio para o Brasil, e aí nós fizemos um ato e, em todo ato, a gente metia um ônibus da ESEF, levava a estudantada da ESEF e se o ato era mais amplo a gente levava a pauta do RU. Então sempre estava toda a galera de preto, os pirulitos, aqueles com cartaz, sempre estava a gurizada da ESEF no ato. E sempre tinha algumas falas, como falas da universidade sobre o RU. Era algo que a gente estava tentando botar para comunidade num sentido mais amplo, tentando ampliar a pauta para além do RU. Porque o RU da ESEF se insere numa pauta de assistência estudantil, que se insere numa pauta maior da Reforma Universitária. Então é uma disputa da Universidade. Se tu tomar a lógica hoje de que a Universidade, cada vez mais entra no processo de mercadorização, de vir a ser mercadoria a educação, o Restaurante Universitário é um contraponto. Então, a conquista do RU tem um significado muito grande nesse sentido, não tem como negar isso. “Ah não é um RU”. Ele tem um significado enorme, cara, se tu tomar que hoje o capital na sua crise estrutural, algo que a gente tem debatido, ele esgota a capacidade civilizatória, ele não abre mais possibilidades de conquistas, ele tende a transformar tudo em uma mercadoria para gerar o lucro, o excedente, para acumular... O RU ele vem contra esta lógica. Eu não tenho problema nenhum de falar que o RU da ESEF, ao se inserir em umas pautas maiores, como eram estes atos, se coloca numa luta anti-capitalista e anti-capital. Agora se fosse só a luta pelo RU, fechadinho nele, sem dúvida alguma, não teria isso, seria algo muito localizado. Por isso a importância da gente inserir umas pautas maiores. Aí nós tivemos 8 de março, tivemos essa jornada que foi tirada no dia 25, que daí teve o ato de 17 de abril, que também a gente sempre começava um ato dentro da UFRGS, aí chegava o pessoal do CEPERS<sup>33</sup>,

---

<sup>32</sup> Superintendência de Infraestrutura.

<sup>33</sup> Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul.



chegava o pessoal do Julinho<sup>34</sup>, e a gente juntava todo mundo e ia para o centro. Então acontecia um ato sempre dentro da universidade, nós íamos na Reitoria, mobilizava a galera. E a ESEF sempre botava muita gente. Teve o 23 de maio, se não me engano. E depois teve uma ocupação de Reitoria. Eu não sei se você tem alguma pergunta específica sobre... Mas sobre as ações da campanha está tranquilo? A grande síntese é essa, todas as ações foram numa perspectiva de combatividade sempre pautada numa organização muito efetiva. Elas não eram espontâneas, elas eram sempre articuladas, elas não eram algo assim: “agora o que a gente faz”. Sem dúvida alguma que chegou algum momento que a gente pensou: “O que a gente faz agora?” A gente já fez isso e isso, a gente olhava o que a gente tinha feito e pensava: “agora, o passo é esse!” O passo de inserir a campanha, nós já conquistamos aquilo mas chegou um momento que a gente viu que estava... “Se continuar desse jeito aí aquela carta que ele assinou não vai adiantar de nada”. Então estava criado um caldo e a ESEF sentia isso também, a ESEF se mexia nisso e as ações sempre eram numa perspectiva de combatividade, de radicalidade do processo porque sabia que de outro jeito não vinha. Não conquistava de outro jeito.

C.J. – E qual que foi o impacto do Ato do dia 13 de setembro de 2006?

E.P. – Eu considero um marco histórico dentro da Universidade porque os outros atos que a gente tinha feito, tinham sido muito espontâneos. Nós tivemos a ocupação da catacumba, no final de 2005, quando a gente ganhou o DCE, mas nada assim mobiliza, tira a gente da sala, passa em sala, passa duas semanas organizando, vai colar cartaz, teve uma organização muito forte. Então assim a sua pergunta ela é o significado, não é?

C.J. – O impacto que teve.

E.P. – O impacto... Deixa eu anotar o impacto aqui porque se não eu troco tudo. Primeiro que ele representa uma síntese de um processo que a gente estava vivendo. É um momento sintetiza isso que a gente está vivendo enquanto organização do Diretório Acadêmico. O impacto era tão forte, que ele impulsiona o Movimento Estudantil da UFRGS. Que estava apagado, não tem como negar, estava apagado, o congresso foi o último fôlego, aí a galera

---

<sup>34</sup> Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

vai para as férias, e quando volta a Calourada<sup>35</sup> não deu em nada, nem me lembro se teve Calourada direito. Então estava apagado o movimento estudantil. Nós vamos para a eleição do DCE com uma chapa de não sei quantos nomes, nós patrolamos a direita, ali a gente conseguir ver a primeira visualização da nossa eleição do Diretório Acadêmico. Nós ganhamos apertado do pessoal da outra chapa, nós ganhamos por cinquenta, sessenta votos que, para nós era apertado, porque a gente achava que seria muito mais. E é isso, a ESEF tinha um acúmulo mas tinha limites em lidar com isso. Então, no meu entendimento, o impacto é político e mostra a possibilidade real da conquista através da luta, sem acordo, sem cooptação, sem tu baixar a bandeira, que isso, nós chegamos e falamos: “Está aqui nossa pauta do RU, o senhor tem que assinar, entendeu, porque o senhor falou que tem acordo com isso”. Porque o Reitor, pegou o microfone no dia do ato.... Então o impacto se dá em vários níveis. Principalmente no político. Agora, para a galera da ESEF, qual foi o impacto? Tem gente que, quando tu fala daquele ato, diz: “não eu estava lá mas eu me lembro”; “Foi muito massa ver vocês falando”; “Foi muito legal ver a ESEF na ponta”; porque sempre tem muito este lance do ufanismo, de “Ah... sou da ESEF, sou da Pedagogia, sou do Direito”, e a galera da ESEF sentiu muito isso. Só que ao mesmo tempo sentia isso junto com a galera da FABICO que estava pedindo professor, do IA<sup>36</sup> que estava pedindo prédio novo. Então, aquele ato representa uma unidade política, ver quem estava se propondo a lutar pela universidade pública. Eu considero este marco, é um impacto muito mais político e não é algo assim... Ele não é uma faísca, não é uma simples faísca que se apaga logo. Não é algo assim! É uma síntese e ao mesmo tempo abre um processo muito maior. Foi dali que nós botamos a coordenação geral dentro do DCE lá da ESEF, eu não me lembro quando é que teve. Foi dali que a gente consegue passar nas salas da ESEF com cartaz deste tamanho, com a carta do Reitor na mão: “Olha o Reitor assinou pessoal, nós vamos conquistar o RU, a luta não pode parar”. Então dá uma oxigenada enorme na luta. Sem aquele ato, Fred, o RU não existiria porque ele é uma síntese de um monte de coisas. Como é que nós teríamos feito, porque se nós chegássemos numa ocupação de Reitoria sem aquela carta do Reitor, quem sabe na ocupação ele assinaria a carta e depois seria mais um processo que nem... sei lá, estou tentando mapear um cenário possível de alguma coisa mas, então, o impacto é político e mostra uma possibilidade real

---

<sup>35</sup> Atividade de recepção aos alunos ingressantes na UFRGS.

<sup>36</sup> Instituto de Artes da UFRGS.

de vitória. Ele mostra que os estudantes de forma organizada, não somente espontânea, mas organizada conseguem ter este acúmulo.

C.J. – E no ano de 2007, iniciou quando para o Movimento Estudantil?

E.P. – Em 2007, tu tem algum marco específico.

C.J. – Pode ser a partir da Jornada Nacional de Lutas, no Calendário de lutas.

E.P. – 2007 começa com o 8 de março. 2007, começa como sempre começa o ano. Com luta contra o aumento de passagem, que é em janeiro. Porque sempre aumenta as passagens em janeiro, então sempre rola aquele tumulto. É uma desgraça. Só que sempre se esvai na própria disputa interna dos partidos. Então 2007 começa assim, Fred. E começa com a gente à frente do DCE. Então a luta pelo aumento da passagem, só que daí é isso, período de férias, e 8 de março que a gente vai para as ruas, acontece uma mobilização muito massa, pelo Dia Internacional da Mulher e também porque o Bush<sup>37</sup> estava no Brasil. O Lula recebe o Bush. Então isso não é pouca coisa, isso é, o Valério Arcary, que fala: o Bush consegue questionar o próprio materialismo porque faz acreditar que pode existir Lúcifer, o Bush faz o cara acreditar que o diabo possa vir a existir, quem é ateu, como eu, por exemplo. O Bush é isso aí, o Bush é uma desgraça. Então nós fizemos um baita de um ato em Porto Alegre, trancamos a Salgado Filho, a João Pessoa, a Borges, a gente foi para a Esquina Democrática, sempre com a pauta do RU debaixo do braço. No ato das passagens não foi tanto, porque a gente viu que aquilo ia ser aparelhado por determinada organização, a gente foi, tocou junto, mas a gente viu que não adiantava muito. E aí a gente começa com este oito de março e nas Calouradas também. Eu não me lembro se teve este ano... E no 8 de março aconteceu algo muito categórico, Fred, porque foi um dia de muita mobilização em Porto Alegre e teve a entrada da Via Campesina na UFRGS. O Shin deve ter falado disso não é? Então isso mexeu demais também com o movimento estudantil porque a Via Campesina, ao entrar, a Brigada Militar entrou junto. E a Brigada não pode entrar na Universidade. Então foi um tensionamento, porque a Universidade queria votar um convênio com a Aracruz, então é algo bem categórico também. E a jornada de lutas, o calendário que ia tirar, uma coisa que tem que ser falado também, e nós estamos

esquecendo, no final de 2006 no dia 22 de dezembro, ou 21, a galera tira a Frente Nacional de Lutas Contra a Reforma Universitária. E esta frente é um espaço que tenta organizar e aglutinar os setores que se colocam contra a reforma. Nós entramos para a frente exatamente em março, enquanto Executiva Nacional de Estudantes e nós entramos para frente enquanto DCE em fevereiro. Em 2007? Eu acho que foi 2007, estou tentando lembrar agora aquela ida que teve, para a reunião de uma nova entidade, reunião na Frente de Lutas. Eu não lembro se foi 2007 ou 2008. Mas acho que foi 2007. Então teve esse movimento assim, principalmente esse do dia 25, que foi algo bem categórico. Eles tiram um calendário, que é aquele calendário que eu falei anteriormente, e a gente se insere neste calendário com a pauta do RU da ESEF, porque a luta sempre começava, a jornada, as marchas, elas sempre começavam nos seus locais de atuação. A gente começava lá na ESEF direto, mobilizava na ESEF, passava em sala, fazia um agito, botava para rua, chamava a Banda Talibã, começava a agitar e agitar, e vamos que vamos, passar na Reitoria, depois nós vamos lá para a frente do Piratini<sup>38</sup>. Então a gente avisava a galera que ia ter isso, que era um ato para além de nós mesmos, e a galera ia, aceitava, então a gente conseguiu envolver a galera na nossa jornada. Isso foi muito interessante. 2007 começa assim, começa com este processo de luta bastante fortalecido e unitário, que culmina com as ocupações de Reitoria.

C.J. – Você falou da Banda Talibã, o que era esta banda?

E.P. – A Banda Talibã era .... a gente teve alguns colegas nossos que ... isso foi um lance interessante, Fred, acho que é algo que para tu tentar... a gente dá um novo caráter para os atos públicos. Porque o ato público sempre tem aquela palavra de ordem, sabe aquele troço, que não eu não descarto, acho que tem que acontecer, agora um movimento com estudantes tem que tentar, e com a base que a gente vive hoje, com esse movimento de refluxo, de descenso que a gente fala, um momento na conjuntura, que por exemplo assim, a gente não vive mais uma ditadura declarada, o momento que a gente vive é muito mais de uma relação de uma sociedade civil muito bem estruturada e organizada, a gente tem uma mídia toda hora bombardeando, a gente tem a escola bombardeando, a universidade bombardeando, tudo bombardeando, então, a gente tem que criar um mecanismo para... E

---

<sup>37</sup> Referência à visita ao Brasil de George W. Bush, então Presidente dos Estados Unidos.

<sup>38</sup> Palácio Piratini, sede do Governo Estadual.

a Banda Talibã cumpre esse papel, porque eles se auto-organizam dentro do ato e a galera começa a fazer... Eu não me lembro o nome dos instrumentos... era um tarol, um bumbo pequeno, eu só lembro que a galera trazia uns instrumento e começam a organizar uma banda, e começam a puxar palavra de ordem, só que eles utilizam as músicas dos times aqui, do Grêmio<sup>39</sup> e do Inter<sup>40</sup>. Só que eles tomam a melodia e a letra da música é pautada pela questão do RU. É algo muito interessante que eles fazem. Porque vira um movimento que não é aquele troço, que tem este caráter mais... não festivo, mas num sentido de não é aquele lance tão rígido. Eles conciliam, eles conseguem dar este salto qualitativo para nós, e isso aproximou muito a galera que se sentiu à vontade com a banda, com a palavra de ordem. Algum momento eles se passaram, obviamente, mandavam o Reitor tomar não sei a onde, aí nós tínhamos que ir lá: “oh... galera calma”. Só que eles garantiam a agitação da parada. Nós tínhamos uma articulação com eles, com certeza. A gente reunia com eles antes: “e aí pessoal, como é que vai ser?”. E eles vinham perguntar para a gente: “A gente fez tal música, o que vocês acham?”. Tinha uma relação muito legal e eles se mobilizavam nisso. A gente desocupa a Reitoria em 2007 com a Banda Talibã. A gente ocupa a Reitoria em 2007 com a Banda Talibã. Se tomar o primeiro vídeo da ocupação que acontece aquele momento que a galera começa a jogar as mochilas no chão, quem aparece tocando é a Banda Talibã da ESEF. Quando a gente está desocupando, quem aparece tocando é Banda Talibã. Com palavra de ordem do RU da ESEF. Tem um significado muito valioso para nós, dá um novo tom de como realizar um ato público. Não tirando o cunho político, bem pelo contrário, nós tentamos tornar este político muito mais... não maleável ou palpável, uma coisa assim, mas que consiga atingir, quem tem que ser atingido realmente, que era o estudante ali que não quer se mobilizar, que tem só outras demandas e tudo o mais. Eu acho um pouco isso da Banda Talibã.

C.J. – E como que foi a ocupação da Reitoria em 2007? E quais eram as reivindicações do Movimento Estudantil? E como foi a negociação com a Reitoria?

E.P. – Primeiro ponto é essa unidade que teve em nível nacional, nós não temos que perder...porque assim Fred, vamos de novo: no momento de refluxo quem entra em refluxo, em descenso são as massas. Agora as organizações da classe sofrem este refluxo,

---

<sup>39</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>40</sup> Sport Clube Internacional.

porque nós aqui fomos muito agravados pela entrada do PT do governo e fez o que fez. Quando acontece um refluxo... Refluxo é um termo muito ruim, mas um descenso de massa, as organizações ficam... Só que elas não podem abaixar seus princípios, seus marcos políticos como o PT fez. O PT fez isso. O PT em 1989, não é algo mecânico... Ele vai para uma eleição e quase ganha uma eleição. E a partir daí ele começa a se rebaixar ao programa sistematicamente, para conseguir se tornar mais digerível para a própria massa. Estou sendo bem mecânico nessa minha análise, mas um pouco é isso. Para conseguir se tornar mais palpável eleitoralmente, porque ele muda a estratégia dele, a eleição que era tática se torna a estratégia. Então quando acontece a... E como nós entramos num período gravíssimo de descenso, principalmente proporcionado pelo PT, um dos elementos centrais do descenso, uma das características fundamentais foi a fragmentação da esquerda, este é o fundamental, a gente vive isso. Porque tu não tem base para disputar porque a base está toda em descenso. Tu olha para o lado está seu companheiro, você vai chutar a canela dele. Esse é um elemento fundamental da fragmentação que eu percebo. E é isso, os grupos brigam entre eles, eu estou sendo bem mecânico nessa análise mas eu acho que é interessante ter isso presente, porque nesse ano acontece essa jornada de lutas unitária. Isso é um fôlego, não tem como negar que não é um fôlego. 2006, para ter uma noção, foi quando teve a frente de oposição de esquerda, na eleição foi 2006. Que a candidata foi a Heloisa Helena e juntou todas as forças de esquerda. Ela tem um primeiro momento de unidade, porque ali junta PSOL<sup>41</sup>, PSTU<sup>42</sup>, PCB<sup>43</sup>, junta Consulta (Popular), vários grupos, não me lembro agora todos os grupos. Ali já é um momento de unidade, final de 2006, teve a eleição. Isso se reflete no 25 de março, que tira esse calendário unitário e na Frente de Lutas Contra a Reforma. Mas aí, na ocupação, a grande questão é que em maio, eu não me lembro a data, 2, 3 ou 4 de maio, tem a ocupação da USP<sup>44</sup>, por uma pauta específica regional, deles que eram os decretos do Serra<sup>45</sup>. Essa ocupação se estende por muito tempo, e acontecem umas coisas muito interessantes. Vê, até agora não falei nem um pouco disso, Fred. Como é ruim isso, nós estamos falando de um processo de lutas, nós estamos falando de um processo amplo de como essa luta se insere, nós estamos voltando para a luta, nós estamos falando do DCE, nós estamos falando do nacional e em nenhum

---

<sup>41</sup> Partido Socialismo e Liberdade.

<sup>42</sup> Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados.

<sup>43</sup> Partido Comunista Brasileiro.

<sup>44</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>45</sup> José Serra, Governador de São Paulo entre 01 de janeiro de 2007 e 02 de abril de 2010.

momento apareceu a UNE - a União Nacional dos Estudantes. Então nós estávamos com uma ocupação na USP e essa ocupação estava tomando muito pau da mídia, estava falando na assembleia sei lá quantos mil estudantes, estava mobilizando. E a UNE tem um processo de degeneração desde 2002, quando assume um determinado grupo político a sua direção, com a ascensão do governo, este grupo político é a base do governo, o PC do B, e esse grupo político resolve, em 2007, tirar um calendário de lutas de ocupação de Reitorias. Só que onde é que eles vão pautar esse troço, não é com a base deles, eles sentam com o Lula, e articulam com o Lula as ocupações de Reitoria. A coisa mais ridícula que eu já vi. Então nós já estávamos tirando a necessidade de uma ocupação de Reitoria também. Primeiro era a pauta contra a Reforma Universitária, em solidariedade à USP, e aí começava as pautas específicas nossas, o RU, a questão das cotas da Universidade, o prédio novo do IA, não vou me lembrar de todas agora não, a Casa de Estudante do Vale, eu não me lembro de todas agora não, mas acho que era nessa linha, a diminuição da taxa do vestibular, tinha outras pautas também. Então a ocupação se deu nesse bojo de unidade da esquerda. O DCE estava unitário nesse momento, estavam todas as forças compondo o DCE da esquerda. A esquerda que eu falo é sem o PT. Tem que ter bem claro isso. Então a ocupação, quando tu me pergunta como foi, está dentro desse marco e acontece a partir dessas pautas, mas ela se dá a partir de um calendário tirado pela Frente de Lutas Contra a Reforma. Porque ao mesmo tempo em que ocupa aqui, ocupa Santa Maria, ocupa Pelotas, ocupa Juiz de Fora, ocupa UFRGS, ocupa UFSC. Teve mais de quinze Reitorias ocupadas no Brasil inteiro... Maranhão. A gente estava na ocupação e via os informes “acaba de ser ocupada a Reitoria tal”. A Frente Nacional de Lutas Contra a Reforma Universitária organiza isso. E isso está dentro do bojo dessa jornada do 25 de março. E isso é potencializado pela ocupação da USP e tem um rebote forte por causa da ocupação que a UNE estava propondo. As ocupações da UNE nem apareceram. Nenhuma apareceu. Eu não fiquei sabendo de nenhuma. Porque eles não ocuparam. Esses elementos são importantes, e uma ocupação tende a ser um processo muito mais amplo do que a composição de forças que estão dentro do Diretório Central dos Estudantes, que é o DCE. Ali, vem muita gente, um grupo de anarquistas, por exemplo, estiveram presentes, nada contra eles. O problema é que teve alguns setores dos anarquistas que me incomodou demais. Sei lá, tiveram outros grupos também, o próprio PT veio. O PT estava na ocupação, então as pautas eram essas que nós já falamos. Agora a pauta, o mote, na ocupação eu já coloco: primeiro era entender a legitimidade da ocupação para Reitoria,

agora a gente vai falar de negociação, a gente já entra nisso. E a questão do RU da ESEF e a questão das cotas na UFRGS. Porque as cotas da UFRGS, começam a ter um embate direto com a direita. A direita começa a bater muito na questão das cotas, porque a direita ela faz um debate de senso comum. E no senso comum, as cotas, é um debate que é muito suscetível a ser contrário, principalmente quem já está na Universidade. Quem não está não é. Não estou dizendo que quem é contrário é senso comum. Tem setores da esquerda que são contrários às cotas com um debate muito qualificado inclusive, eu sempre tive um limite nesse debate. Então esses dois elementos para mim foram centrais na ocupação. Num sei se teria outro agora, mas o RU, sem dúvida alguma foi a última pauta a ser negociada. Tranquilo?

C.J. – Só na questão das cotas, como se concretizava essa oposição do setor de direita?

E.P. – De forma organizada via *Internet*, eles entraram numa comunidade do *Orkut* da UFRGS, e a partir dali, não dá para dizer que foi só ali, isso é muito ingenuidade dizer que foi só dali, mas ali eles conseguiram mobilizar. A organização se deu via partidária, pelos partidos da direita, PP<sup>46</sup>, PMDB<sup>47</sup>, PSDB<sup>48</sup>. Então conseguiram organizar um grupo, um núcleo duro, que forma o Movimento Estudantil Livre, acho que é Liberdade (MEL) e eles começam a organizar esse troço, e há um debate ferrenho sobre as cotas, e eles se criam nisso, eles se criam fortemente nisso. Tanto que na ocupação da Reitoria, isso a galera deve ter falado, eles vão lá e tentam arrancar nossas faixas... Eles mandam alguém, vai os cabeças do troço, para ver como os caras são bem, eles são fascistas. Tu estar numa mobilização ... foi bem tenso a relação com eles, porque é isso, tu não sabia qual era o limite dos caras. Nossos limites a gente conhece, agora deles não. Os caras picharam muro da Universidade, dizendo que lugar de negro era na cozinha do RU. Para tu ver o nível do troço, eles tinham um que era nazista dentro do grupo deles. Esses caras fizeram oposição ao RU inclusive, não tem como negar, eles fizeram oposição ao RU. Eles diziam que o RU era uma pauta eleitoreira nossa. Eles diziam que a ESEF, o DCE, que isso era uma pauta eleitoreira, que o RU foi só uma pauta eleitoreira. Algo forjado, que já ia acontecer. Sempre vinham com um discurso de que já estava dado. Primeiro diziam que era uma pauta eleitoreira, daí quando viram que ia acontecer não, daí: “ah não, já estava dado”.

---

<sup>46</sup> Partido Progressista.

<sup>47</sup> Partido do Movimento Democrático Brasileiro.



Bate com o senso comum, “Será que não é mesmo?”. Só que é isso, é uns caras que não se criam, assumiram o DCE por um ano, não fizeram bosta nenhuma, não dá para levar em conta.. Então oposição era isso. Oposição era muito forte pela questão das cotas, porque eles diziam que ali eles iam conseguir surfar. E a perspectiva era essa, construir quadros para disputar. Um deles era vereador não sei de onde, outro deles era deputado. Só que eles se quebraram por dentro. Porque o senso comum tem esse limite, porque chega uma hora que eles começam a bater neles mesmos. E eles arrebentaram a gestão por dentro. Em dois meses já estavam com o quadro deles arrebentado. Tu queria que falasse da negociação agora né?

C.J. – Só antes disso, como que foi a relação da ocupação com o evento que estava acontecendo à noite, o Fronteiras do Pensamento<sup>49</sup>?

E.P. – Eu não peguei muito isso, Fred, porque eu estava em uma negociação nesse momento. Mas a questão é que esse evento, ele não é um evento para a comunidade acadêmica, ele é um evento para uma classe, eu não gosto de falar classe média alta, mas não é um evento para trabalhador, vamos falar assim, nem para estudante trabalhador em processo de formação que somos nós estudantes. E aí, nós estávamos em ocupação e nós queríamos fazer uma atividade lá de fora, e eu não recordo muito bem, mas eu sei que em algum momento teve um confronto em relação a eles, com os seguranças deles, porque nós fomos lá tensionar o evento, e os caras abriram um espaço para nós lá. Na boa, vai falar o que lá, para aquele bando de burguês? Num tinha o que falar, era Fronteiras do Pensamento, você já coloca uma redoma, “vou pensar até ali”. Então a gente tinha um desacordo com aquele troço que estava acontecendo. A partir dali a gente fez uma mobilização na frente do Salão, um enfrentamento com os seguranças, nada muito sério. No vídeo até aparece um pouco. Mas eu realmente não me recordo tanto, porque eu estava mais fora, eu cheguei já estava nos estouros já. Porque na ocupação tinha várias assembleias. Teve uma assembleia que deliberou que a gente ia fazer uma atividade na frente daquele horário, porque ia circular muita gente ali, e a gente queria mostrar a ocupação. E seria um momento que a gente estava voltando das passadas em sala, porque a

---

<sup>48</sup> Partido da Social Democracia Brasileira.

<sup>49</sup> O evento Fronteiras do Pensamento foi concebido em 2006 pela Telos Empreendimentos Culturais, na cidade de Porto Alegre e se dá no formato de seminários no Salão de Atos da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ocupação é isso, Fred, a ocupação não foi assim entramos para a Reitoria e nos fechamos ali. A ocupação se consiste em tu tomar o coração da universidade, que era a Reitoria, mas a partir dali irradiar a política que estava acontecendo. Como é que elas irradiavam aqui? A mídia burguesa não passava nada, os caras só detonavam com a gente. Os áudios que eu tenho são ridículos. A gente pegava, construí um material, um adesivo, e a gente passava nas salas, o núcleo ficava ocupado em atividades durante o dia, com assembleias, com atividades de formação, com discussões: “nós vamos ter agora um espaço sobre opressões que tiveram”... Eu lembro que teve: “vai ter um espaço sobre tal coisa, assistência estudantil, pessoal da ESEF do RU”, e uma galera ia passar em salas para tentar mobilizar para a ocupação, então a gente tentava fazer várias atividades. Nós trancamos o monumento ao Paulo da Gama, a gente fazia várias atividades assim, para mobilizar a galera. Era bem...

[INTERRUPÇÃO NA ENTREVISTA]<sup>50</sup>

E.P. – Foi mal, Fred! Então a ocupação, era isso cara, era algo que tinha que irradiar, porque se ficasse isolado ali, nós íamos ficar... Ninguém ia saber o que estava acontecendo. Então era colar cartaz por toda a UFRGS, era passar em sala, era panfletar, era chamar a galera para ir ali, era fazer rádio poste, a gente fazia rádio poste, botava uma caixa de som, com microfone, na frente das filas do RU. As filas do RU é uma desgraça, no Vale é sei lá quantos quilometro de fila. Nós botávamos as caixas de som ali, mobilizava a galera, e a galera começou a participar, começou a ouvir. Então, uma das ações foi essa de fazer essa atividade. Agora na ocupação teve vários outros, nesse momento eu estava participando de uma negociação. Eu não sei se tu quer que eu fale da negociação agora ou tu quer que eu fale de outra coisa.

C.J. – Podemos passar para a parte da negociação, como que foi a negociação com a Reitoria.

E.P. – Primeiro, que eu não era da negociação. Porque o Shin era coordenador geral, e a coordenação geral do DCE, um dos companheiros da coordenação geral ficou responsável pela estrutura toda da ocupação e os outros dois companheiro, que era o Shin e outro camarada, eles ficaram responsáveis pela imprensa, para gravar com a imprensa. Eu não

lembro o nome que eles tiraram, divulgação, impressa, era outro nome, comunicação, não me lembro agora. Era quem dava as entrevistas. Nós tiramos, deliberamos em assembleia, nós fizemos... A primeira coisa que a gente fez foi assembleia para tirar uma pessoa para quando vier a mídia, nós temos que tirar pessoas que falem a partir do que a assembleia decide. Então tudo era decidido em assembleia, as decisões todas passam pela assembleia, a pauta sem dúvida alguma, a pauta foi o DCE que construiu, mas levou para assembleia, e a assembleia disse: “eu acho que tem que ter tal ponto”. Nós discutimos tal ponto, “Eu acho que tal ponto que o DCE está propondo não dá” e a gente discutia, retirava. Porque é isso, não dá para pautar por espontaneísmo da parada, isso não existe. A questão é que tem que ter uma organização que impulse, não que ela tem que impulsionar, e fazer tudo, e as coisas acontecerem tudo por ela. Agora tem que impulsionar e se valer também do processo. Por isso que reunião ampliada era para isso, o DA impulsionava, mas tinha que ter mais sujeitos envolvidos. Só não dá conta. A reunião ampliada fazia isso. A Assembleia ela tinha esse caráter, tirava dali quem ia fazer determinada tarefa e a minha tarefa era ser da comissão de segurança. Pelos dados que eu tinha do MEEF, sempre fui da segurança, não sou um cara bom de microfone, não sou uma cara bom de dar entrevista. Só que pela pauta do RU, a organização de negociação, a comissão de negociação, a comissão geral da ocupação, a própria assembleia reivindicou que tivesse alguém da ESEF na comissão de negociação. Olha o peso que tinha o papo do RU no troço. As cotas não teve ninguém, “fulaninho lá vai...”, não, sabe, “tem que ir por causa...”, não teve. “”Fulaninho tem que ir por causa do tal coisa”, não teve. Agora por causa do RU da ESEF, foi reivindicado que tivesse alguém na comissão de negociação. Foi essa negociação que teve. E aí eu participei dai. Então, nós tivemos duas negociações. A primeira foi no primeiro dia de ocupação: nós sentamos com o Reitor, sem a nossa pauta. Nossa pauta ali era dizer que nós vamos ficar, passar uma noite na Reitoria. O Reitor já estava esperando a ocupação, sabia. Para ter uma noção, uns quatro dias antes, o diretor da ESEF, o Ricardo veio conversar: “e aí, Alemão, você vão ocupar o troço?” Eu não podia falar que ia, dei uma enrolada nele, mas tipo ela já sabia que a gente ia ocupar. Eles sabiam que a gente ia ocupar. E o Reitor, isso não tem como negar, aquela Reitoria não era truculenta como é essa. A truculência dela acontecia também, mas o Reitor sempre evitava ao máximo a truculência. As vezes não, as vezes ele mandava bater mesmo, por exemplo, no ato do REUNI ele mandou bater, teve uma vez

---

<sup>50</sup> O entrevistado atende o telefone.

num ato do CONSUNI<sup>51</sup> que a gente apanhou também dos seguranças, mas quando a gente chegou na ocupação ele estava nos esperando, e nós: “Queremos subir naquela sala lá em cima”, nós subimos. O cara estava nos esperando para conversar, nós falamos: “Nós vamos ocupar” e ele beleza. Ele podia ter trancado as portas, ter feito um monte de coisas, como aconteceu em várias outras Reitorias, ele não fez isso. É interessante. Então a primeira negociação foi no mesmo dia que a gente ocupou. E a negociação foi para quê? Para referendar a ocupação, tanto que o Reitor apoiou demais, porque o Reitor falou que a ocupação era legítima. Ele tomou muito pau da mídia, os caras detonaram com ele:, “como assim legítima, o que esse cara tem? O que esse cara pensa?”. Um pouco isso a primeira. Só que daí o que é negociar a ocupação? Nós dissemos “Olha, cara, amanhã a Reitoria não vai abrir, amanhã a Reitoria está ocupada, não pode abrir”. Inclusive teve um tumulto, porque os funcionários quiseram entrar, os seguranças queriam trabalhar, nós falamos que não porque a Reitoria está fechada. Não poderia abrir. A primeira negociação foi essa. E no outro dia a Reitoria amanheceu fechada e daí o Reitor ficou enlouquecido. E daí nós marcamos dessa negociação, uma segunda negociação, que daí era para negociar as pautas. E essa começou as nove da manhã do outro dia, essa foi bem mais pesada. Porque essa já iniciou com o balanço, que a gente tinha descumprido um acordo. Que o acordo era que a Reitoria ia se manter aberta no outro dia, nós falamos que não, que ela não ia se manter aberta. Que a Reitoria estava ocupada. Nós tapamos todos vidros de cartaz, para botar as pautas para fora. E aí nessa negociação já começa esse tensionamento, foi um pouco delicado o início dela, mas a gente entra nas pautas . Aí ela começou as nove, e ela terminou as três e meia da tarde. Nós ficamos das nove da manhã, imagina, nós já tínhamos dormido mal, por mais que eu tivesse entrado na comissão de negociação eu era da segurança ainda, então eu tinha feito ronda, durante a noite, eu tinha dormido mal, foi uma negociação, era junho estava frio, cansado, mal alimentado. Daquele jeito. Das nove da manhã às três e meia da tarde, tomando água só. Os caras da Reitoria levantavam, saíam, voltavam, sei lá se iam comer. Mas nós era só na água. E a negociação foi meio delicada, porque na real ela começa com esse tensionamento, daí a gente tranca o pé, e fala: “Olha, se continuar...”, porque lá eles só nos chamavam de traidor, dizendo que a gente tinha descumprido com um acordo, nós falamos que não. E aí nós falamos: “Ou parem com isso e nós vamos para a pauta ou a gente vai manter a ocupação”. E foi um pouco isso, a gente foi para a discussão da pauta, e aí foi ponto por ponto. E tinha alguns

---

<sup>51</sup> Conselho Universitário da UFRGS.

pontos que o Reitor falava: “Olha, nós não vamos nos posicionar contra a Reforma Universitária, a princípio, não tem como”. Nós debatemos, que não tinha mesmo como, tinha outros que ele dizia: “Esse aqui realmente não tem como a gente...”. Agora a grande maioria dos pontos foram acatados. E aí o do RU foi isso, a gente sentou e discutiu: “Olha, a questão é a abertura da licitação para julho”. Acho que foi isso que saiu da ocupação, e ela abriu depois de outubro. E daí o Reitor: “Beleza, isso aí vamos....” A gente debateu, eu acho que a parte do RU a gente debateu quarenta minutos, eu acho que foi o ponto que a gente mais debateu. O Reitor tinha uma proposta de jogar mais para frente, uma coisa assim, eu não me recordo muito bem. Mas teve esse tensionamento, porque é isso, nós queríamos para logo. Imagina, nós tiramos da ocupação, nós tiramos para um mês, passa um mês. Foi algo bem tenso. Aí teve uma... Nessa negociação, eles quase colocaram que era plano de gestão o RU. Eu lembro que no final eles quase colocaram, mas a gente: “Não, não, não era plano de gestão não”. Quem sabe era um engano deles. Então a negociação foi isso, ela foi bem demorada, ela foi... Imagina, a primeira foi de duas horas e a segunda de nove as três e meia da tarde. Cansativa e aconteceu algo bem interessante, porque quando a gente está saindo, a negociação aconteceu no prédio da Medicina, porque a Reitoria estava ocupada, o prédio da Medicina ali ... o prédio antigo da Medicina, quando a gente sai dali. Os bixos da ESEF, a bicharada da ESEF, os calouros eles estão saindo da ocupação. Eles foram na ocupação e ficaram de tarde ali, ficaram com a galera. E eles estão passando ali. E no que eles estão saindo, a gente falou que não, a gente não ia abrir, porque se não a gente sai da ocupação e cai um monte de porta em cima. Daí nós chamamos para assembleia de noite: “Olha, tem assembleia de noite e é lá que a gente vai abrir”, e ali com aqueles bixos a gente chega e diz: “Vocês tem que vir para a assembleia porque hoje a gente tem uma grandiosa surpresa para todos vocês”. E a galera veio para a assembleia. Porque eles queriam saber o que era, e a gente não podia dizer o que era. No fim foi isso, a noite a gente fez a assembleia. Teve um setor dos anarquistas, não dos anarquistas como um todo, que queria manter a ocupação, e nós trancamos o pé que não. Oitenta por cento, noventa por cento da pauta atendida, não é cara. Ocupar para que? Manter para que? Inventar uma nova pauta. E na real a ocupação, tendia perder força. Essa era a análise que a gente tinha. E daí se a gente mantivesse a ocupação, a gente ia abrir mão de toda aquela pauta. Então a campanha do RU, ali estava comprometida. Se esse setor manter a ocupação... e aí na assembleia a gente consegue garantir isso, para ter uma noção do que significava o peso da ESEF na assembleia, a coordenação da mesa da

assembleia foi nossa, foi o Shin que coordenou, e a ultima intervenção na assembleia que é a que deflagra a desocupação foi nossa também. Foi eu que fiz a fala, dizendo que era o momento, que a gente não podia se render ao oportunismo de grupos que apareciam ali da nada, que nunca estiveram na luta. Então a bancada da ESEF era enorme, teve um panfleto que eu falei que estava em cinquenta, mas era muito mais. Muito mais a bancada da ESEF, porque nós, a ESEF ela toma, ela estruturalmente ela garante boa parte da ocupação, a alimentação foi a ESEF que garantiu. A gente botou tranquilamente quase vinte caras para dormir lá. Quinze a vinte, não era assim, cinco ou seis loucos, era uma galera, tem uma foto, aquela foto, acho que tu estás com ela também, aquela foto brincando tem quinze, dez loucos ali, e os outros que estavam por ali para fora, eu não apareço naquela foto. Então é isso, tinha uma gurizada li. Teve uma gurizada que circulou, teve uma gurizada que dormiu, teve uma gurizada que foi para a assembleia. Eu caracterizo a ocupação como um estar de consciência, um momento da nossa consciência que estava muito avançada. Porque aquilo ali, a gente viveu a luta. E ali a gente viu a vitória, o movimento conquistando. Então a negociação foi um pouco isso. Não sei se tu queria... então a desocupação é aquilo que te falei. Acho que seria interessante tu mexer no vídeo. Porque o vídeo mostra, a gente desocupa cantando as musicas do RU. A gente ocupa cantando musica do RU, e a gente desocupa cantando musica do RU. A desocupação é com aquela musica [entrevistado canta] “chalaialaialaialaia, RU na ESEF!”, e aí era a fila de cima assim, é muito massa, era o significado do RU naquilo ali. A grande vitória da ocupação foi a questão do RU. Só para tu ter uma noção, a questão das cotas teve outro ato depois, quando ela é votada no CONSUNI . Então teve um ato para as cotas depois. Agora na ocupação, a grande vitória, eu considero, é o RU da ESEF. Sem dúvida alguma as outras pautas foram quentíssimas, mas é ali que a gente tira a licitação do RU. Então é um marco também a ocupação, são duas datas importantíssimas. O 13 de setembro, que ela sintetiza... porque assim, pega o 13 de setembro, ele sintetiza esse processo de luta anterior, da campanha tentando acontecer. A primeira ação não acontece. Mas depois acontece e a síntese está no 13 de setembro. Se tu pegar a jornada de lutas que acontece em 2007, a gente pode dizer que a síntese dela no que tange ao movimento estudantil é a ocupação da Reitoria. Porque a jornada de lutas era mais ampla do que o movimento estudantil, bem mais ampla, nós fizemos um ato em Porto Alegre com seis mil pessoas, sete mil. Era todo mês um ato, os municipais, tomaram pau todo mês. Era muito ato. Agora a síntese do movimento estudantil ela se dá na ocupação da Reitoria, tanto que depois da ocupação, e

daí isso esta no bojo da luta do RU ainda porque a gente leva bandeira do RU, acontece os atos contra o REUNI. No primeiro ato a gente consegue mobilizar, mas a gente toma um pau enorme nesse ato. Não sei se tu ia perguntar alguma coisa sobre esses atos ou não, ou eu posso falar.

C.J. – Fala.

E.P. – Então, assim, a ocupação da Reitoria foi por esse processo de luta que vem, unitário, isso é importantíssimo de tratar. Porque o 13 de setembro sintetiza aquilo, a ocupação sintetiza isso, são dois momentos que a gente teve vitórias. Para o movimento estudantil ter vitória... Sempre tem vitória, acho que se o Reitor não tivesse assinado aquilo lá, seria uma vitória, nós tínhamos conseguido ir mobilizar a galera, trabalhar com a pauta, forma, a galera entender que é daquele jeito que vai conquistar, mesmo se o Reitor não tivesse assinado. Com a assinatura do Reitor, que foi a partir da nossa... fazer aquele cara assinar aquele troço não foi fácil, a negociação... Tu pergunta do negocio da ocupação, a negociação do 13 de setembro, foi muito pior que a da ocupação. Ela foi muito mais tensa porque nós não tínhamos a manha também, nós não estávamos com a sala, com cadeira, a gente estava no meio de um ato. O Reitor estava escorado num canto, tinha trezentos loucos do lado, e nós tentando negociar com ele o troço. Então não foi algo simples, foi algo muito tenso, foi pesado, foi... Eu lembro que quando eu saí de lá eu estava esgotado, porque nessa negociação eu participei também. A negociação com o Reitor do 13, e foi... porque ele não queria assinar de jeito nenhum o troço. E aí a gota d'água foi quando, nessa negociação do 13 de setembro, porque em uns momentos antes o Reitor, nós lemos a carta para ele, ele pega o megafone e diz que tem acordo com o RU da ESEF. Ele tem acordo com RU da ESEF. Então nós vamos tentar negociar que ele assinasse a carta, só que ele falou que não ia assinar. E aí nós negociamos, negociamos até o ponto que a gente falou: “Olha então o senhor vai pegar o megafone e vai falar para toda essa gurizada que o senhor não tem acordo. Porque o senhor está enganando eles”. E aí ele na hora, ele olha para um lado, olha para o outro, pega o troço e assina. Tanto que ele era até uma palavra lá, uma indicação. Aí ele assina, e nós assinamos também. Essa negociação foi muito mais delicada do que a da ocupação da Reitoria. A ocupação da Reitoria desgastou muito mais porque ela foi mais extensa, porque foram várias pautas. Só que não dá para dizer qual que foi mais... mas elas foram diferentes. Elas tiveram seus pesos diferentes. Eu acho que tem que

trabalhar estes dois marcos. Porque eles representam muita coisa, representam o confronto direto com a direita, representam o processo de mobilização do Movimento estudantil retornando a ser combativo, representa a unidade, representam o processo de luta sério, organizado, combativo. Então no meu entendimento, esses processos da ocupação e do treze de setembro eles têm uma ... simbolicamente, eles são de uma grandiosidade enorme.

C.J. – Depois da ocupação o que aconteceu com a campanha?

E.P. – A gente faz folia toda, agora vai, agora vai acontecer. E aí teve os atos do REUNI. Teve os atos do REUNI, eu me lembro dos dois atos do REUNI. O primeiro nós levamos gente da ESEF, e foi esse que eu estava falando que a gente apanhou demais, a gente apagou muito, foi bem... porque estava acontecendo um evento do lado da sala do CONSUNI. E esse evento tinha seguranças particulares que participaram do embate contra os estudantes. Não era para a gente ter subido, foi um erro de um companheiro nosso. Não era para dizer isso não é? Mas foi um limite que teve na organização do ato e a gente subiu e tomou um pau enorme. A gente teve até, como é que é? Deram queixa na Polícia Federal, a gente teve que prestar depoimento na Polícia Federal. No outro ato a gente nem conseguiu mobilizar, daí no outro ato a gente leva também a pauta do RU mas aí muito mais enfraquecida, muito mais ... que é isso, no outro ato do REUNI, por exemplo, o PT ocupa a Reitoria no domingo. Com cinco barracas. A Polícia Federal estava lá dentro, tinha delegado tinha tudo. A gente não consegue mobilizar. E a partir dali cara, começa a ter o... Já começa a visualizar a movimentação lá na ESEF para acontecer. Se não me engano, é no final de 2007, agora eu não vou saber, que a gente vai para o outro DA ali. Que a gente sai do DA. Eu não me lembro direito quando é que é essa data. Mas então começa essa movimentação, a gente... Porque na real, acontecem esses atos, mas em outubro vem a licitação. Então contrata a licitação, a gente começa a soltar a campanha como vitória. Então a campanha continua, não termina. Porque é isso. A questão é essa, Fred, a luta do RU, a campanha do RU, é pelo RU da ESEF, mas é muito mais para mostrar a possibilidade real de vitória a partir da organização. Não dá para a gente dizer que se o Reitor tivesse dado o RU, tivesse: “Então está, está aqui o RU de vocês!” No primeiro ato, nós trabalhamos no sentido de elevar a consciência da gurizada para entender que foi. Agora o movimento todo aconteceu, ele dá esse caldo de consciência para a estudantada da ESEF. Tem gente que fala tranquilamente, que o curso de Educação Física,



é o mais politizado da UFRGS, porque eles viveram o processo real de luta que culmina em vitória. Em todos os sentidos, em todos os sentidos. Porque ele garante uma unidade dos lutadores. Ele garante que os lutadores obtenham vitórias nas suas entidades. A galera vinha conversar com a gente, a galera do Instituto de Artes veio conversar com a gente de como é que eles organizavam a campanha deles. A gente foi lá tentar ajudar eles a organizar a campanha, como se a gente fosse tipo uns assessores em campanha. Um lance muito louco. Então uma vitória que ela teve um significado enorme. Eu não me recordo muito bem a pergunta que tu tinha feito.

C.J. – O que aconteceu com a campanha após a ocupação?

E.P. – Então da campanha é isso. A licitação ela abre em outubro, é outubro não é? Ela chega em julho e ela não acontece, a gente questiona de novo a Reitoria. A gente faz toda uma mobilização. Se não me engano, teve um ato que a gente vai, eu não me lembro qual que é, se é a Calourada, eu não me recordo, e aí quando abre a licitação a gente tem como vitória. Para ter uma noção em 2008, eu não vou saber o nome correto disso, mas eu acho que é a marcha dos bixos, que era um lance que acontecia na época da ditadura e nós sempre tentamos resgatar isso. A gente sempre tentou resgatar isso enquanto DCE. Em 2008, no primeiro semestre a gente consegue resgatar, e uma das pautas principais era a questão do RU, da vitória, porque começaram a construir. E era um lance muito louco. No ato do treze de setembro só para voltar um pouco, no ato do treze de setembro, quando a gente sai da Reitoria, depois que o Reitor assina, a gente se dirige, estava chovendo, até o RU do centro, e a gente pede para o pessoal deixar a gente entrar no RU, para falar para a galera que a gente tinha conquistado uma vitória. Daí a gente sobe na mesa faz uma fala, para toda a estudantada. Os estudantes nos aplaudem de pé. É um lance assim emocionante mesmo. Porque, jogamos para a Universidade, jogamos para a estudantada, essa necessidade. E quando a gente faz essa marcha, a gente também faz isso, a gente para na frente do RU, a gente para na frente da Economia, a gente vai até a Esquina Democrática, senta todos os estudantes ali. Faz uma intervenção também nesse sentido de quem, bom: “Olha o RU da ESEF”. “O RU da ESEF, tal e não sei o que”, fala as outras pautas da ocupação. Porque é isso, a gente tira a necessidade concreta de reafirmar a ocupação, porque a ocupação ela foi um processo com muito vínculo de luta. A gente não podia deixar ela se perder, entendeu? Porque se dependesse dos outros, ela se perderia. Se nós

não ... É que nem o 13 de setembro, se a gente não falar o 13 de setembro, ele vai se perder. E isso vai ser muito triste se acontecer. Porque aí a luta vai ficar reduzida cada vez mais a ocupação da Reitoria, que logo, logo, vai se perder também. Então eu acho que a gente tem que pegar enquanto síntese, estes dois momentos, mas também entender quais foram os momentos que compuseram eles entendeu? Então eu acho que o teu trabalho monográfico tem esta tarefa, de tentar compor esses momentos. Depois cara, eu acho que foi isso. Foi muito mais de reafirmar a vitória. Porque em 2008, a gente tinha aquela conquista do Encontro Nacional. Então a campanha já é isso, a gente já começa a cobrar. “E aí, vai ter RU para o ENEEF?”. Os caras tinham prometido, chega lá não tem. Já dá uma quebrada. Mas a obra estava andando. Quando os caras começam a obra. É um caos, é caótico. A galera fica se ligando: “Começou, começou!” A galera pega ônibus para ESEF para ver a obra começa. Os caras trabalhando lá, os operários não estavam entendendo o que estávamos fazendo, a galera pulando em volta. Sei lá, quando abre a licitação, o Ângelo<sup>52</sup> me ligou, era um sábado de manhã, uma coisa assim. Ele “Olha Alemão, só para te falar, vai no site tal, não sei o que, está lá a licitação do RU, não sei o que, parabéns pela vitória”. Então esse tipo de coisa, teve reunião do DCE de tarde, os caras, eles imprimiram a licitação, um calhamaço de folha, não sei se está comigo, um calhamaço de folha, falaram: “Está aqui a licitação do RU”. Foi um dia de festa para nós, tu vê assim que a mobilização, só tem isso não é, a gente não pode culminar um processo como este só na abertura do RU. Se tu quer saber o que é mais importante, cara, muito mais importante é o ato do treze, a ocupação, o ato almoço, do que a abertura. A abertura foi espetacular mas não aconteceria nada sem isso. Então o espaço depois ficou muito nisso, porque a partir do momento que abre a licitação a gente começa a deflagrar enquanto uma vitória mesmo, comprar enquanto vitória, a gente vai para a eleição do DCE... Passava nas salas da Engenharia, a Engenharia nunca ouvia a gente, como aquilo era aqui: “Olha, está aqui a licitação!” Um calhamaço do RU, não sei o que, que nós agora vamos ter onde comer, os caras: “Olha os caras, aí não é, conseguiram, conquistaram”. Foi algo espetacular. Foi uma das melhores eleições que a gente tocou. A ESEF eu nem comento a quantidade de votos, foram mais de trezentos. A ESEF sempre teve esse diferencial, a partir de determinado momento, ela sempre foi um dos cursos que mais lotou não é. 2007, 2008, 2009, ela foi o curso que mais votou nas três eleições. A Educação Física ela sempre foi o curso que mais

---

<sup>52</sup> Ângelo Ronaldo Pereira da Silva, então Secretário de Assuntos Estudantis.

votou. Pode pegar aí a Engenharia que tem uns cinco mil estudantes, nós fazemos muito mais votos do que eles.

C.J. – E como que foi a inauguração do RU da ESEF?

E.P. – A inauguração. Ali eu já estava mais afastado. Eu estava mais afastado porque eu estava fazendo meu TCC<sup>53</sup>, então, tinha pedido liberação do Diretório Acadêmico, mas mesmo assim coube a mim em si a tarefa de estar fazendo a intervenção pelo Diretório Acadêmico. A inauguração foi uma grande festa. Porque, é isso, vai as autoridades ali, o Reitor... porque aí já tinha mudado a Reitoria, mas mesmo assim, foi o outro Reitor falar. A SAE<sup>54</sup>, já tinha mudado, nós queríamos que o Ângelo falasse, não queria que o outro falasse. Foi o Ângelo que tocou com aquele. Foi o Ângelo que deu... tinham outros Pró-Reitores. Porque foi um grande feito, não é? Não tem como negar. Tu inaugurar um prédio de salas de aula é uma coisa, é do caralho.... Agora tu inaugurar um troço que é conquistado na luta. Então a gente organizou. A gente organizou uma intervenção, a gente organizou umas falas, a gente organizou que tivesse uma grande festa ali na frente. Lotou o troço, teve fila, acho que foi a única vez que teve fila no RU. Teve uma cerimôniazinha, choveu um pouco, tivemos que entrar e tal. Mas o que eu me lembro é isso, um momento muito.... Lembro que teve foguetório, foi um lance que... quando deu o foguetório assim, porque é isso, tu não conseguia materializar aquilo. “Vai inaugurar o RU”. Eu imaginava assim, “só vou materializar quando eu comer pela primeira vez”. Imagina foram três anos: 2006, 2007, 2008. Final de 2008, dois anos e pouco. Fechou dois anos. Dois anos e alguns meses, dois meses. Treze de setembro, o outro ato. Dois anos e três meses. Então olha o tempo que nós estamos falando. Eu quase me formei e não vivi. Eu comi duas vezes no RU só, enquanto aluno da graduação. Então o dia da inauguração, foi isso, não estava caindo a ficha. A galera, Banda Talibã, todo mundo de preto, com a camisa, bandeirão, cartaz e relembando a luta, e cantando, galera emocionada, e daí quando dá o foguetório, eu: “Ah... nós conquistamos esse troço”. Porque quando dá o foguetório eu olho para a galera, não é só o RU, é concretamente os estudantes perceberem que na luta se conquista. Então ali dá um baque muito forte. Tanto que a minha fala eu nem consegui fazer direito, tremi um monte, chorei um monte, foi bem... Porque ali eu vi que era para além do RU.

---

<sup>53</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

<sup>54</sup> Serviço de Assistência Estudantil.

Extrapolamos os limites dos muros da ESEF. Extrapolamos os limites dos muros da Universidade. Diz respeito à própria luta da classe trabalhadora, enquanto classe. Porque é isso, é nós lutarmos contra uma imposição, que se tu pega o micro, isso se expressa no macro. O singular nada mais é do que um reflexo de uma totalidade. E o RU significava isso, aquela coisa pequena que para nós era tanto, ele era o reflexo da possibilidade da luta maior. Para nós significava um freio, significava uma contraposição, ele significava nadar contra a maré da própria mercadorização da Universidade pública. O significado da inauguração do RU é isso. E aí foi dia de festa. Foi dia de festa, tipo, a estudantada da ESEF estava enlouquecida. Deu duas semanas a gente fez a eleição do DCE, a gente fez trezentos e cinquenta votos. A metade do curso votou na nossa chapa. Porque, na real, a eleição serve para mostrar isso também. Quando tem um curso politizado ela pode servir com uma... Não como uma balança mas para medir também até que ponto é por aí. Ou às vezes a eleição é só para isso não é? Tu chama aí, o cara vem e vota. Mas num curso como a ESEF que a gente tem um trabalho de base cotidiano, tem um trabalho forte, que não se pauta só em grandes.... A eleição para nós tem esse caráter pedagógico, formativo de como é que a gente conversa com a galera, de como é que a gente convence do que a gente está dizendo, como é que a gente mostra essas necessidades. Então a inauguração tem esse significado, para além da questão material, uma questão política.

C.J. – E o que tem para falar sobre aquelas duas placas que foram colocadas no RU, uma pela Reitoria e outra pelos estudantes?

E.P. – Eu não vi a da Reitoria. Foi no dia da inauguração?

C.J. – Sim.

E.P. – Eu nem quis olhar eu acho. Não me lembro o que está escrito nela. O que está escrito nela?

C.J. – Hoje ela foi retirada. Já não está mais lá.

E.P. – Eu não me lembro dela. Eu acho que ela devia ser só, Reitor, Pró-Reitor, essas coisas assim. A nossa placa está demarcando só as gestões dos espaços que a gente

participou e que tocaram a campanha do “RU na ESEF Já”. Aí a gente coloca a frase do Lênin da questão de como a gente tem que sonhar, mas o nosso sonho tem que ser vinculado à realidade. Nós sempre quisemos o RU. Agora a gente sempre tem que olhar para a nossa realidade. A gente olhava para a condição objetiva e dizia: “Nós precisamos do RU”, mas a gente olhava para a condição subjetiva e dizia: “será que a gente tem capacidade organizativa política para pautar uma luta como essa?”. Isso é olhar para a realidade como o Lênin falava. Então, naquela placa está materializado isso. Que a gente tem que acreditar no sonho, mas o sonho não pode ser totalmente abstrato, ele tem que ser algo material. E a materialidade do sonho é essa. Nós olhamos para a nossa realidade, a gente viu a possibilidade real disso acontecer, entendeu? Para nós a placa materializa esse registro de sonho. E é como, não sei quem foi que falou, acho que a única placa no mundo inteiro que tem uma frase do Lênin, tirando a Rússia. Num espaço público. Porque aquela frase ela é bem significativa para nós. E aí as pessoas se tocaram, a gente reivindica a ocupação da Reitoria, a gente reivindica o 13 de setembro, se não me engano também, que para nós são marcos relevantes do processo de luta do RU.

C.J. – E como ficou o estado da campanha dos estudantes da ESEF e na comunidade Esefiana como um todo?

E.P. – Eu vejo como esse saldo político, entendeu Fred? Para mim fica delicado de falar porque eu me formei logo em seguida, mas em 2008, eu estava lá, quando a gente... Porque é isso, a campanha se finda quando inaugura, mas a partir do momento que ele demarca, a licitação é que vai acontecer. E os caras, eles não queriam jogar como azar, eles queriam fazer acontecer logo, porque eles sabiam que lá era uma bomba relógio. Eles sabiam que a gente estava constantemente mobilizados. Todo ato tinha, sempre tinha uma ala de preto, que essa ala às vezes era metade do ato e às vezes era mais da metade do ato, às vezes era um terço do ato. Então nós estamos falando de um curso... a UFRGS está lá, entendeu? “Aquele lá é o bloco da UFRGS”, do bloco da UFRGS, um terço é de um curso só. A reitoria sabia que aquela galera não ia arredar, a gente não ia arredar. A gente estava num nível de mobilização muito intenso e muito forte. O saldo que tu pergunta, é saldo não é?

C.J. – Não, é impacto e estado da campanha dos estudantes.

E.P. – Eu vejo que isso, a galera se politiza, a galera vê que aquilo ali é fruto de luta. Sem dúvida alguma, na conjuntura que a gente vive, quem sabe agora com as mobilizações que estão acontecendo no mundo inteiro, eles consigam ter um outro olhar para o RU. A grande questão é a disputa da história. Já tem gente falando que aquilo lá foi benefício da Reitoria, foi uma caridade da Reitoria. Há uma necessidade de disputar a versão da história, porque é nessa disputa que os estudantes mais novos vão ter que entender que aquilo ali só aconteceu porque os estudantes se organizaram. O saldo, o resultado eu digo isso, para mim dizer que a Educação Física é um dos cursos mais politizados não é pouca coisa. E a gurizada sentiu. A galera estava tocando agora uma campanha de currículo, que nós não teríamos capacidade nenhuma, Fred, em 2007, nem em 2008. A gente era... tocamos o ENEEF, a gente foi sede política do ENEEF... de fazer o que a galera do DA está fazendo hoje, de organizar uma proposta de currículo. Isso para mim é expressão do processo de luta anterior que é a do RU, que é a organização que se dá em volta disso. Que se envolve todos os outros elementos que culminam nisso tudo. O saldo, o resultado, esse movimento indica isso, essa politização, esse avanço num processo de consciência. Só que o avanço não é estanque. Ele pode retroceder. O processo de consciência não é algo assim, tu vai até ali e tu fica li, tu pode voltar para trás. Por isso que a disputa da versão da história é importantíssima. Por isso que a galera reivindicar as datas históricas é importantíssimo. Mostra que aquilo ali foi... por exemplo, a campanha que eles fizeram agora da reestruturação. Por mais que eles perderam entre aspas, eles conquistaram uma vitória. Formular uma proposta, mobilizar a estudantada, mostrar que está sendo, que aquilo lá não é democrático, aquele processo. Isso é vitória. Porque é estudante se movimentando. Então, para mim, o salto ele é político, e ele é político nesse sentido de mostrar que através da luta que se conquista. Mas aí é que está o troço não pode ser espontâneo, tem que ser organizado. A galera entender que: “olha pessoal não foi algo assim, alguém que dá cabeça de um louco, veio e vamos fazer, e vai que vai”. Foi algo muito pensado. A gente pensava passos: “olha, aqui a gente vai ter um elemento que pode mudar o rumo da história”, que o treze de setembro. Depois do 13 de setembro a gente fez uma avaliação que “a gente tem que ir até...”. Daí veio a jornada de lutas, “aqui a gente vai inserir com a pauta”, mas vai ter um momento que o troço vai ter que estourar de vez no colo da reitoria, é a ocupação. Isso é organização, a necessidade de entender que se não for de forma organizada, não acontece. E a pauta do RU é isso, é difícil nego se colocar contra. Teve gente que se colocou contra, mas quando começa a acontecer.... onde é que esses

caras se enfiaram? Está com medo lá. Não tem problema nenhum com isso. Então acho que o saldo e resultado para a gurizada é isso, é perceber que esse avanço no processo de consciência e principalmente conseguir avançar politicamente. Conseguir ter esse viés político muito mais forte. Eu não sei, pelo menos eu vejo isso do RU. E aí é a materialidade concreta... Que conquista tem no Brasil hoje? Assim como o RU na ESEF? Tem o bandeirão na UFRJ<sup>55</sup> se não me engano. Eu não vejo outra universidade que tem uma vitória concreta como essa desse marco. A gente virou referência para o Movimento Estudantil. A ESEF é uma referência para o Movimento Estudantil. Ela é uma referência organizativa. Aquilo ali, Fred, solidifica, de certa forma, a concepção de Movimento Estudantil que o Diretório Acadêmico tem trabalhado. Não é pouco coisa. Uma concepção que envolve, sei lá, diversos elementos para ter esse [PALAVRA INCOMPREENSÍVEL], a necessidade da luta concreta. Não a necessidade da auto-construção. A necessidade de querer vir criar referências, não sei o quê... A necessidade da auto-construção de uma concepção de movimento que se pauta em outras perspectivas. Acho que para a comunidade esefiana, tu entrar no RU e ler uma placa dizendo “Isso é uma conquista de luta”, essa é a grande questão. Isso é conquista da luta. Os caras tiveram que engolir isso a seco. Aqueles professores da ESEF que eram contrários à luta, que batiam no DA, que falava que o DA era um bando de vagabundo, engoliram à seco. Essa é a grande questão, não fizemos só para eles, só para “chineliar” com eles. Hoje eles pensam duas vezes antes de falar mal do DA. Porque olha o que é aquilo ali, está ligado? Uma coisa é o DA estar ali, saneando, incomodando. Agora conquistar de forma séria. Poxa, a gente é sério. Movimento estudantil é coisa séria, não é brincadeira. Eles tratavam a gente como se a gente estivesse brincando. É um pouco isso. Não sei se eu respondi o que tu queria, mas é um pouco isso.

C.J. – Tem mais alguma consideração a fazer sobre o tema, alguma coisa que você gostaria de falar.

E.P. – Eu não sei. Tu acha que faltou alguma coisa, tu queria perguntar algum elemento que tu achou que poderia aprofundar melhor?

C.J. – De repente, como que era a participação dos professores na campanha?

---

<sup>55</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E.P. – Não tinha. Não dá para dizer que tinha participação. O Mário Brauner<sup>56</sup>, que era um cara que nos apoiava, que até adesivo colava, comprou camiseta também. Mas os demais eu não me lembro. Porque era isso, os professores da ESEF, alguns não se mexiam, os outros que a gente tinha uma ligação maior, que a gente pautava, uns diziam: “É isso tem que acontecer mesmo e tal”. Mas eles tinham uma relação orgânica com a Reitoria, e como não era plano de gestão, os caras não reivindicava a campanha. Porque eles se pautavam pelo plano de gestão da Reitoria. Quando o Reitor assinou, os caras ficaram meio sem chão. Porque o que significava ser a favor da campanha do RU? Significava ser favorável ao Diretório Acadêmico. E naquele momento, naquela conjuntura, em 2006, isso era muito perigoso para alguns professores. Em 2005 era tranquilo, “a galera está aí, estão retomando o DA”. Mas quando vê já vem uma nova gestão do mesmo grupo. Quando vê eles já fazem encontro regional. Quando vê eles já fazem uma campanha daquele porte. Começa a fugir dos domínios deles, e eles tem que ter o domínio. Setenta, quinze, quinze, não é a toa. Então para eles ser favorável à campanha, era ser favorável ao DA. E isso em alguns momentos para eles era muito perigoso. Para eles não é? Porque para nós é isso. A gente sabia que o apoio do professor era importante. Se for perguntar para eles hoje todos vão dizer que eram favoráveis. Mas não eram, na boa, não eram. Não eram porque tinha esta relação do plano de gestão da Reitoria que era um argumento para eles dizer que não mas. Principalmente porque eles tinham que se colocar junto ao Diretório Acadêmico. E eles não queriam se colocar junto ao Diretório Acadêmico. Porque era o Diretório Acadêmico que votava contra à Especialização paga. Era o Diretório Acadêmico que denunciava a privatização branca da universidade. Era o Diretório Acadêmico que falava que estavam cobrando por Extensão. Era o Diretório Acadêmico que dizia: “Olha esse tipo de concurso não pode acontecer”. Era a gente que se colocava contra. Tinha muita coisa lá que .... isso era problemático se colocar do nosso lado, porque fortalecia demais a gente. Um pouco isso. O Mario Brauner, foi inclusive na ocupação, tem foto com ele lá. E era um cara que sempre nos deu muito espaço. Tinha outros professores, mas aí do nada assim o professor: “Fala aí sobre tal coisa”. Mas não era, assim, apoio explícito. Não me lembro, pode ser que eu esteja cometendo uma baita de uma injustiça. Mas eu não me lembro, eu lembraria. Me lembro que o Balbinotti<sup>57</sup>, uma vez ele tentou, ele quis ceder um espaço da aula para falar

---

<sup>56</sup> Mário Generosi Brauner.

<sup>57</sup> Carlos Adelar Abaide Balbinotti.



da ocupação. Mas não rolou o espaço. Deixava assim, passar informe no início da aula, era dez minutos falando sobre mobilização, as lutas e tal. Porque na real também era isso não é, Fred, era um momento que o Brasil inteiro estava vivendo de luta. Tipo assim o Brasil inteiro vivendo luta. Ligava o jornal “mobilização pelo Brasil inteiro”. Rio de Janeiro tantos mil, Porto Alegre tantos mil, e desses tantos mil, tinha cinquenta, sessenta que era da ESEF, ficava meio inviável não falar nisso. Ficava meio inviável tocar sua aula tranquilamente sem falar que a galera da ESEF no dia anterior tinha ido para um ato com todos os professores do CEPERS com cinco seis mil na rua, que tinha falado do RU lá. Então é um pouco isso. Ficava bem delicado de descartar. Mas um pouco isso os professores.

C.J. – Tem mais algum comentário a fazer?

E.P. – Tu não tem mais nada mesmo?

C.J. – De pergunta é isso.

E.P. – Eu não sei, acho que eu falei bastante, estou pensando aqui se tem alguma coisa que eu poderia contribuir ainda. Deixa eu ver cara. Eu acho que tem que falar um pouco dos servidores. Porque os servidores tinham acordo com a nossa pauta. Eles assinavam o abaixo-assinado, eles colavam adesivos, não em sua totalidade, mas a ASSURGS<sup>58</sup>, por exemplo, teve muito acordo com a pauta, uma galera colava adesivo, comprava camiseta, vinha no ato almoço, comia no ato almoço. Muito mais do que os professores. Quem sabe porque sentiam mais o aperto do que eles. E na UFRGS como um todo também. Mas eu acho Fred, que para além disso eu não sei. Eu não estou conseguindo visualizar nada. Quem sabe tenha ficado alguma lacuna, mas paciência. Se é isso por mim está de boa. Podemos concluir.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>58</sup> Associação dos Servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.